

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj QEM FÁBIO BARROS DE SOUSA

**A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do
regime bolivariano na Venezuela**



Rio de Janeiro

2020

Maj QEM FÁBIO BARROS DE SOUSA

A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do regime bolivariano na Venezuela

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Ten Cel Art Alan Sander de Oliveira Jones

Rio de Janeiro

2020

S729a Sousa, Fábio Barros de

A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do regime bolivariano na Venezuela.

/ Fábio Barros de Sousa —2020.

63 f. : il. ; 30 cm

Orientação: **Alan Sander de Oliveira Jones.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Bibliografia: f. 59-63

1. GEOPOLÍTICA. 2. CONTENÇÃO. 3. EURASIANISMO. 4. VENEZUELA. 5. RÚSSIA. 6. FORO DE SÃO PAULO. 7. SOCIALISMO. I. Título.

Maj QEM FÁBIO BARROS DE SOUSA

A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do regime bolivariano na Venezuela

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em ____ de outubro de 2020.

COMISSÃO AVALIADORA

ALAN SANDER DE OLIVEIRA JONES – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

MARCO ANTÔNIO BARBOSA – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

MAURÍCIO JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

“Estou convencido de que não há nada que eles (os russos) admirem tanto quanto a força, e não há nada pelo qual tenham menos respeito do que pela fraqueza, especialmente a fraqueza militar.”
(Winston Churchill)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado a inteligência para compreender os temas pesquisados e a saúde para me manter em condições de realizar esse trabalho.

À minha digníssima e amada esposa Rosária Helena e aos meus filhos Felipe, Matheus e Helena pela compreensão da minha missão e por todo apoio, direto e indireto, durante o período em que estive voltado para essa atividade acadêmica.

Aos meus pais, Valdeci Pereira de Sousa e Maria Iracema Barros de Sousa, que sempre se esforçaram ao máximo para me proporcionar as melhores condições de estudo, desde a minha infância, e pudesse chegar onde estou hoje.

Ao meu orientador, o TC Alan Sander de Oliveira Jones, meus sinceros agradecimentos pelas orientações precisas e relevantes, pela confiança em mim depositada e pelo profissionalismo durante todo o período de realização desse trabalho.

A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do regime bolivariano na Venezuela

Fábio Barros de Sousa¹

Ten Cel Art Alan Sander de Oliveira Jones²

RESUMO

O presente trabalho pauta-se em cima da seguinte questão: Como o desempenho geopolítico da Rússia interfere na sustentação do regime bolivariano na Venezuela? Dessa forma, a primeira parte deste trabalho acadêmico se desenvolveu em torno das teorias geopolíticas que corroboram para a estratégica russa na Venezuela e nas ações da Rússia no campo político, militar e econômico, os quais fornecem uma base teórica e uma cadeia lógica para entender o interesse russo por essa região e a participação de atores estatais e não estatais. Nesse contexto, a Rússia fomenta o regime socialista de Maduro com o apoio político no cenário internacional, financia as empresas estatais venezuelanas e concede empréstimos ao governo bolivariano. Além disso, a Federação Russa é responsável pelo fornecimento de especialistas, equipamentos e armamentos militares para a Venezuela. Na segunda parte do trabalho, foi realizada uma análise SWOT das ações da aliança russo-venezuelana e suas consequências no entorno estratégico brasileiro. Conhecer os desdobramentos dessa aliança russo-venezuelana para a América do Sul torna esse trabalho relevante tanto para a pesquisadores da academia quanto para os estudiosos e tomadores de decisão no setor de defesa.

Palavras-chave: Geopolítica; contenção; eurasianismo; Venezuela; Rússia; Foro de São Paulo; Socialismo.

¹ Major do Quadro de Engenheiros Militares Fábio Barros de Sousa. Bacharel em Ciências Militares e Engenheiro de Fortificação e Construção. Aluno da Escola de Comando e Estado Maior do Exército/ECEME-RJ. E-Mail: fabiobarros2bec@gmail.com

² Orientador. Tenente Coronel Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército/ECEME-RJ. Mestre em Ciências Militares. E-mail: alansanderjones@gmail.com

ABSTRACT

The present work is guided by the following question: How does Russia's geopolitical performance interfere in the Bolivarian regime sustainment? That way the first part of this academic work was developed around geopolitical theories that serve as basis for the Russian strategy in Venezuela and for the Russia's actions in the political, military and economical fields, which provide a theoretical basis and a logical chain to understand the Russian interest in the region and the participation of state and non-state actors. In this context, Russia promotes Maduro's socialist regime providing political support in the international scene, finances Venezuelan state companies and grants loans to the Bolivarian government. Besides that, the Russian Federation is responsible for the supply of specialists, equipments and military weaponry to Venezuela. In the second part of this work a SWOT analysis of the actions of the Russian-Venezuelan alliance and its consequences in the Brazilian strategic environment was carried out. To know the unfoldings of this Russian-Venezuelan alliance for the South America makes this work relevant both for academy researchers and for scholars and decision makers in the defense sector.

Keywords: Geopolitics; containment; eurasianism; Venezuela; Russia; São Paulo Forum; Socialism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aspectos do <i>Heartland</i> (Mackinder).....	17
Figura 2 – Aspectos do <i>Mindland Ocean</i> (Mackinder).....	18
Figura 3 – Aspectos do <i>Rimland</i> (Spykman).....	19
Figura 4 – Configuração das teorias geopolíticas no globo.....	21
Figura 5 – Pacto de Varsóvia X OTAN.....	22
Figura 6 – Nova Rota da Seda da China.....	26
Figura 7 – Rota do Mar do Norte (Arctic Route).....	27
Figura 8 – Evolução dos gastos militares dos principais países.....	28
Figura 9 – Distribuição do Arsenal Nuclear nos países detentores dessa capacidade.....	29
Figura 10 – Representação das redes de óleo e gás russo para a Europa.....	29
Figura 11 – Evolução dos preços futuros do barril de petróleo.....	36
Figura 12 – Aspectos geográficos do <i>Mindland Ocean</i> (Mackinder) e Venezuela.....	41
Figura 13 – Localização das baterias S-300.....	47
Figura 14: Análise SWOT Rússia-Venezuela.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CS – Conselho de Segurança

ELN – Exército de Libertação Nacional

FARC – Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia

FSP – Foro de São Paulo

OEA – Organização dos Estados Americanos

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PDVSA – Petróleo da Venezuela S.A.

PSUV – Partido Socialista Unido da Venezuela

PT – Partido dos Trabalhadores

SWOT – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças em português

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 TEORIAS GEOPOLÍTICAS APLICADAS AO PROJETO DA RÚSSIA.....	14
2.1.1 <i>Teoria do Poder Marítimo</i>	15
2.1.2 <i>Teoria do Poder Terrestre</i>	16
2.1.3 <i>Teoria das Fímbrias</i>	18
2.1.4 <i>O novo Eurasianismo como escola russa de geopolítica</i>	20
2.1.5 <i>As medidas geopolíticas de Vladimir Putin</i>	23
3 A ATUAÇÃO DA RÚSSIA NA MANUTENÇÃO DO REGIME BOLIVARIANO NA VENEZUELA	31
3.1 A ESCALADA DA CRISE VENEZUELANA.....	32
3.1.1 <i>A movimento ideológico e as origens da crise venezuelana</i>	32
3.1.2 <i>O desdobramento econômico-social da crise venezuelana</i>	35
3.1.3 <i>A crise de legitimidade e instabilidade política na Venezuela</i>	37
3.2 O INTERESSE GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA NA VENEZUELA	40
3.2.1 <i>O apoio político russo ao governo bolivariano da Venezuela</i>	42
3.2.2 <i>A cooperação militar da Rússia na Venezuela</i>	45
3.2.3 <i>O interesse econômico russo na Venezuela</i>	49
4 ANÁLISE DA ALIANÇA ENTRE A RUSSIA E A VENEZUELA E SEUS REFLEXOS NO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO	52
5 CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIA	59

1 INTRODUÇÃO

Segundo Louis Arénilla (2018), por sua natureza, a geopolítica dá a qualquer questão uma dimensão extranacional, na qual os Estados totalmente soberanos se multiplicaram e o contrapeso das forças proíbe o movimento desenfreado das fronteiras atuais. Em suma, a geopolítica pode ser entendida como um ramo da ciência que estuda as formas de manter, ampliar e buscar o poder dos Estados, considerando para isso os fatores geográficos, o poder militar e as riquezas existentes em um determinado território ou país (GALLOIS e LOUIS, 2018)

No início do século XXI, os desafios e interesses estatais deram um novo impulso ao estudo do espaço geopolítico mundial. Dessa forma, houve um resgate das concepções geopolíticas formuladas desde o final do século XIX, com destaque para, para a teoria do Poder Marítimo, desenvolvida por Thayer Mahan (1890), para a teoria do Poder Terrestre, formulada por Halford Mackinder (1904), e, por fim, mas não menos importante, a teoria das Fímbricas, desenvolvida por Nicholas John Spykman, em 1942 (Ó TUATHAIL, 1998).

Vladimir Putin, atual presidente da Federação Russa, é peça chave para projeto político de fortalecimento Rússia, o que vem causando uma certa preocupação e um afastamento gradativo dos EUA. Essa disputa, entre os EUA e a Rússia, se concretizou na interferência norte americana, direta ou indireta, contra os interesses russos na Geórgia, em 2003, na Ucrânia, em 2004, na Criméia, em 2014 e na Síria, em 2015 (HERBST, JOHN E; MARCZAK, 2019).

Em contrapartida à atuação dos EUA na região do Leste Europeu e do Oriente Médio, a Rússia aproximou-se estrategicamente da Venezuela desde o governo de Hugo Chaves (1999-2013), contrabalanceando a disputa geopolítica norte americana nessa importante região da América do Sul (BLANK, 2009).

Além disso, a Venezuela chamou o interesse dos russos devido às suas gigantescas reservas energéticas (Petróleo e Gás), a sua localização estratégica (Bacia do Caribe e América do Sul) e ao seu potencial mercado comprador de material bélico, concorrendo com os Estados Unidos em sua própria área de influência histórica (WAGNER e colab., 2019).

Após o governo de Hugo Chaves, em 2013, deu-se o início da escalada da atual crise venezuelana. A instabilidade na Venezuela foi agravada após as suspeitas de fraude na última eleição de Nicolas Maduro, em 2019. A comunidade internacional,

em sua maioria, reconheceu Juan Guaidó, presidente da Assembléia Nacional, em 23 de janeiro de 2019, o presidente interino da Venezuela. Essa mudança política na Venezuela não beneficiaria os projetos geopolíticos da Rússia, pois Juan Guaidó é abertamente aliado dos EUA. Dessa forma, a Rússia apoia a manutenção de Nicolas Maduro no poder e empreendeu uma série de medidas que garantissem os interesses russos na região (HERBST, JOHN E; MARCZAK, 2019).

Diversos atores, externos e internos, estão atuando na Venezuela como um campo de batalha para seus próprios interesses. Cuba, China e, principalmente, Rússia, são atores-chave que forneceram linhas de apoio ao regime bolivariano de Maduro. Pesquisa realizada em abril de 2019, pela *Atlantic Council's Adrienne Arsht Latin America Center*, constatou que 62% dos venezuelanos veem Rússia sob uma ótica negativa ou como uma ameaça direta à paz ou soberania nacional - um claro repúdio ao papel cada vez mais assertivo da Rússia na Venezuela (HERBST, JOHN E; MARCZAK, 2019).

Desde 2002, o governo bolivariano da Venezuela e a Rússia, de Putin, estreitaram relações e assinaram diversos acordos bilaterais nas diversas áreas. Em 2019, esse apoio foi ratificado com a criação de um programa de cooperação bilateral entre a Rússia e a Venezuela para os próximos dez anos, que abrange 20 áreas: energética, militar, industrial, mineração, entre outras (MELLO, 2020).

A Venezuela, de Maduro, vem recebendo diversas sanções econômicas internacionais por não respeitar a transparência nas eleições e os direitos humanos no país. O avanço do apoio da Rússia vem justamente no momento em que um conjunto de países não reconhecem a legitimidade do atual governo bolivariano e a economia venezuelana passa por uma grave crise, que repercute nos demais setores da sociedade (WAGNER e colab., 2019).

Resumidamente, os objetivos estratégicos da Rússia que se relacionam diretamente com a sua atuação na Venezuela são: restaurar a Rússia como uma grande potência no mundo internacional, diminuir a interferência dos EUA e do Ocidente (OTAN) nos países do Leste Europeu e Oriente Médio, ampliar a capacidade de exploração de petróleo das empresas russas no exterior e projetar o potencial militar russo no Ocidente por meio do comércio de armas (HERBST, JOHN E; MARCZAK, 2019).

Todos esses objetivos estratégicos da Rússia resultaram em uma série ações, na Venezuela, que foram objetos de estudo do presente trabalho. Essas ações fazem

parte do projeto geopolítico da Federação Russa no país venezuelano, na qual poderão trazer consequências para a América do Sul e para o Brasil.

1.1 METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido em torno do seguinte problema: de que forma a atuação geopolítica da Rússia interfere na manutenção do regime bolivariano na Venezuela?

A solução para o problema apresentado foi sintetizada no seguinte objetivo geral: Apresentar as ações geopolíticas da Federação Russa na sustentação do regime bolivariano na Venezuela.

Esse objetivo geral foi didaticamente dividido, dando origem aos seguintes objetivos específicos:

- a) apresentar as principais Teoria Geopolíticas relacionadas ao projeto geopolítico da Rússia;
- b) caracterizar a aproximação entre a Rússia e a Venezuela, a partir de 2000;
- c) caracterizar o apoio político russo ao governo bolivariano da Venezuela;
- d) caracterizar a cooperação militar da Rússia na Venezuela;
- e) apresentar os interesses econômicos russos na Venezuela; e
- f) analisar a aliança entre a Rússia e a Venezuela e suas consequências no entorno geopolítico brasileiro.

O presente estudo se limitou à apresentação e caracterização das ações da Rússia na Venezuela, pela atuação dos aliados russos na região, pelas ações diplomáticas dos organismos internacionais, pela atuação de atores estatais e não estatais e pelas consequências dessas medidas no entorno geopolítico brasileiro. Para tal efeito, foram analisados documentos constantes na rede mundial de computadores, livros didáticos, artigos nacionais e internacionais e documentação referente à Política e Estratégia da Rússia, teorias geopolíticas e os desdobramentos no entorno estratégico venezuelano.

O universo do presente estudo abordou a Política Externa Russa, a Estratégia de Segurança Russa e a Doutrina Militar da Federação Russa. Além disso, estão presentes nessa pesquisa a atuação das empresas privadas russas na Venezuela e a sua influência no comércio internacional na região. A análise da

documentação permite a compreensão do sentido estratégico que a Venezuela possui para a Rússia e como se desenrola o tabuleiro geoestratégico na América do Sul.

As amostras utilizadas foram os acordos bilaterais estratégicos a partir de 2002, as formas de cooperação militar firmadas, a comercialização de armas entre os dois países, Rússia e Venezuela, as reservas naturais venezuelanas e os investimentos russos privados na Venezuela.

A coleta de dados seguiu as orientações do Departamento de Pesquisa e Pós-graduação do Exército Brasileiro, na qual se deu por meio de pesquisas bibliográficas na literatura disponível. Nessa oportunidade, foram levantadas as fundamentações teóricas para a consolidação de uma resposta ao problema apresentado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TEORIAS GEOPOLÍTICAS APLICADAS AO PROJETO DA RÚSSIA

Após o fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, houve uma confirmação do sistema unipolar, liderado pelos EUA, como declarado por Francis Fukuyama, em sua obra "Fim da História". Com isso, não havia mais sistemas antagônicos em confronto, havia apenas o modelo norte americano de democracia capitalista liberal, que, segundo a política norte-americana, deveria ser o modelo dos demais países (DUGIN, Alexander, 2019).

Mais tarde, a ascensão do nacionalismo, de Putin, e a ascensão da China, com Xi Jinping, propiciam um terreno fértil para o renascimento das teorias geopolíticas clássicas entre as nações que não compactuam com a hegemonia dos EUA. De fato, as teorias geopolíticas clássicas fazem parte da estratégia das grandes potências militares mundiais, como a China e a Rússia. As teorias geopolíticas de Halford Mackinder, Alfred Mahan, e Nicolas Spykman estão de volta hoje e ajudam explicar o interesse da Rússia na Venezuela (P. SEMPA, FRANCIS, 2014).

Na atualidade, a Rússia, juntamente com outras potências supostamente ditas "revisionistas", como China e Irã, está no centro de debates sobre as questões geopolíticas que envolvem a atual supremacia dos Estados Unidos no cenário internacional. Dessa maneira, a Rússia nega a ordem mundial unipolar pós-Guerra

Fria e busca recuperar seu *status* de poder e papel no sistema internacional (MELVILLE, 2014).

Portanto, o entendimento do papel dos Estados e o conhecimento dos fundamentos da geopolítica constituem fatores importantes para a compreensão do tabuleiro estratégico internacional no século XXI (P. SEMPA, FRANCIS, 2014).

Nessa proposta, será realizado, em seguida, um aprofundamento das principais teorias geopolíticas clássicas, resgatas, na atualidade, para a elaboração e consecução dos projetos nacionais da Federação Russa, com destaque para o seu projeto geopolítico na manutenção do governo bolivariano na Venezuela.

2.1.1 Teoria do Poder Marítimo

Desde a época das grandes navegações, entre o século XV e o início do século XVII, os defensores do poder marítimo consideravam o mar como a principal fonte estrutural do poder dos estados, uma vez que aquele que dominasse os oceanos e mares dominaria o mundo. As nações que possuíam maiores frotas navais, para a guerra e para o comércio, conquistaram mais territórios e riquezas.

No final do século XIX, esse pensamento foi estruturado pelo almirante norte americano Thayer Mahan (1840-1914), originando a teoria geopolítica do Poder Marítimo. Mahan considerava o comércio marítimo como um dos principais elementos para o poder nacional. Nesse contexto, o Poder Marítimo teria que ser capaz de garantir a liberdade de circulação de mercadorias via marítima, por meio uma força naval e mercante bem dimensionada e estruturada (SEQUEIRA, 2014).

Ademais, Alfred Thayer Mahan, em 1890, publicou um livro, “A influência do poder do mar sobre a história”, na qual a capacidade de uma nação de controlar o uso do mar dependia, necessariamente, de uma frota naval e mercantil, juntamente com bases marítimas estrategicamente localizadas. Dessa forma, uma marinha poderosa podia controlar as rotas marítimas, como foi o caso do domínio mundial do Império Britânico, no século XVIII e XIX (LINKS, 2013).

Para Mahan, a supremacia marítima não se refere apenas ao número de navios ou embarcações capazes de realizar o comércio ou a defesa, depende, e talvez mais, do espírito de serviço, da dedicação e capacidade dos oficiais e homens para seus deveres, do estado de preparação completa, da disponibilidade imediata e da capacidade de lutar. O número de navios de guerra é uma primeira condição para

dominar o mar, mas não é o único nem o mais importante. Essas características são fundamentais para a projeção do Poder Marítimo de uma nação (MONDES e MOIREAU, 1902).

Ademais, Mahan destaca também, na sua teoria geopolítica do Poder Marítimo, o posicionamento geográfico, a configuração física do litoral e a extensão territorial. O posicionamento geográfico influencia ou determina no nível de investimento que deve ser dado à vertente marítima. Por sua vez, a configuração física e a extensão do território associam-se às dificuldades apresentadas pelas condições naturais, que permitem ou dificultam o desembarque e a operação naval (SEQUEIRA, 2014).

Em síntese, a teoria do Poder Marítimo, de Mahan, considera essencial que uma grande nação desenvolva um forte poder naval, uma marinha mercante bem estruturada e uma infraestrutura de bases navais, estaleiros e portos eficientes. O somatório desses fatores permite que uma nação controle e proteja mares e oceanos sob seu interesse estratégico, contribuindo para o fortalecimento do poder nacional e para a projeção no cenário mundial.

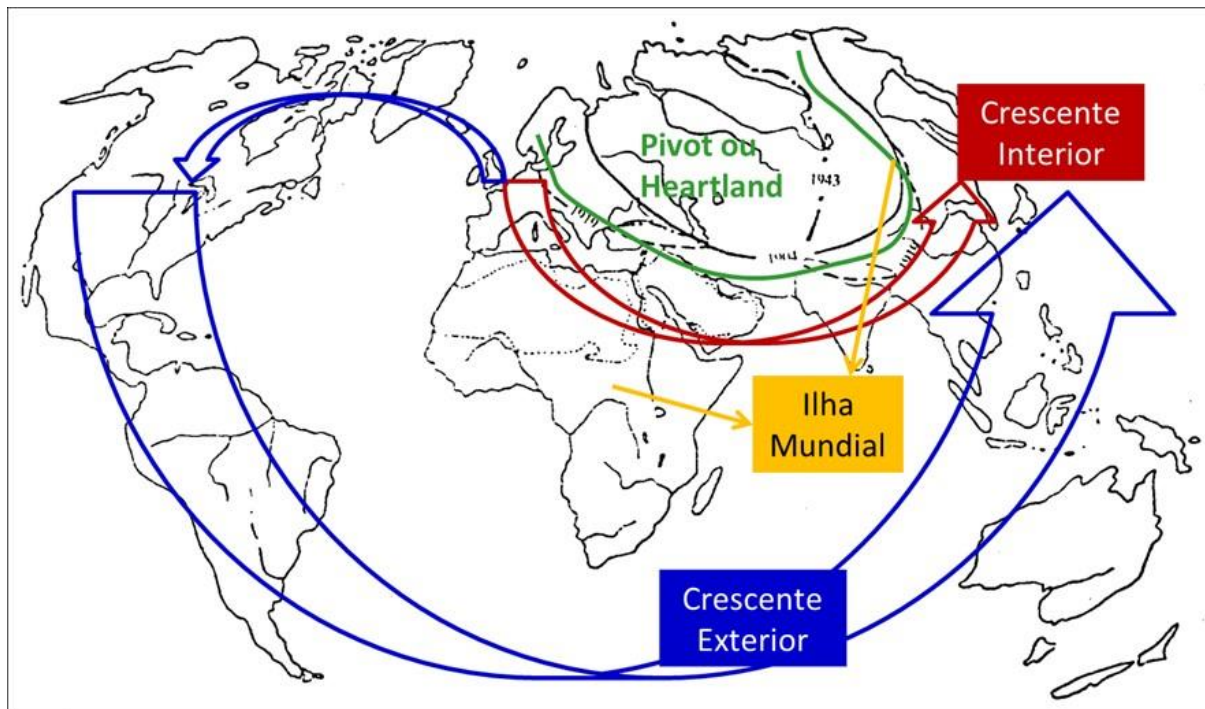
2.1.2 Teoria do Poder Terrestre

Halford John Mackinder (1861-1947), geógrafo, acadêmico e político, em seu trabalho de 1904, *O Pivô Geográfico da História*, postulou a crescente vantagem do poder terrestre em relação ao poder marítimo na projeção do poder das nações no cenário global. O pensamento de Mackinder é importante na história da geopolítica por três razões: por causa da sua visão holística; pela divisão do globo em vastas áreas de território e por sua extensa influência para a geografia, história e política. Essas três características de Mackinder influenciarão nos rumos geopolíticos da história (Ó TUATHAIL, 1998).

Mackinder (1861-1947), em sua teoria, depois denominada teoria do Poder Terrestre, descreveu o mundo como um “sistema fechado” composto por três áreas: uma Área Pivô continental, o Crescente Interior e Crescente Exterior. A Área Pivô é uma massa continental localizada na Eurásia, em torno do qual se articulam todas as dinâmicas geopolíticas do planeta. Essa área euroasiática continental era “protegida” por um Crescente Interior ou Europa costeira, na qual se encontrava todos os países marítimos da Eurásia, como por exemplo: Portugal, Alemanha, Áustria, França, Espanha, Turquia, China e Índia. Além disso, ele também definiu o conceito de

Crescente Exterior, que compreendiam continentes, ilhas e arquipélagos suscetíveis ao domínio das potências marítimas (SEQUEIRA, 2014).

Figura 1 – Aspectos do *Heartland* (Mackinder)



Fonte: (BONFIM, 2005)

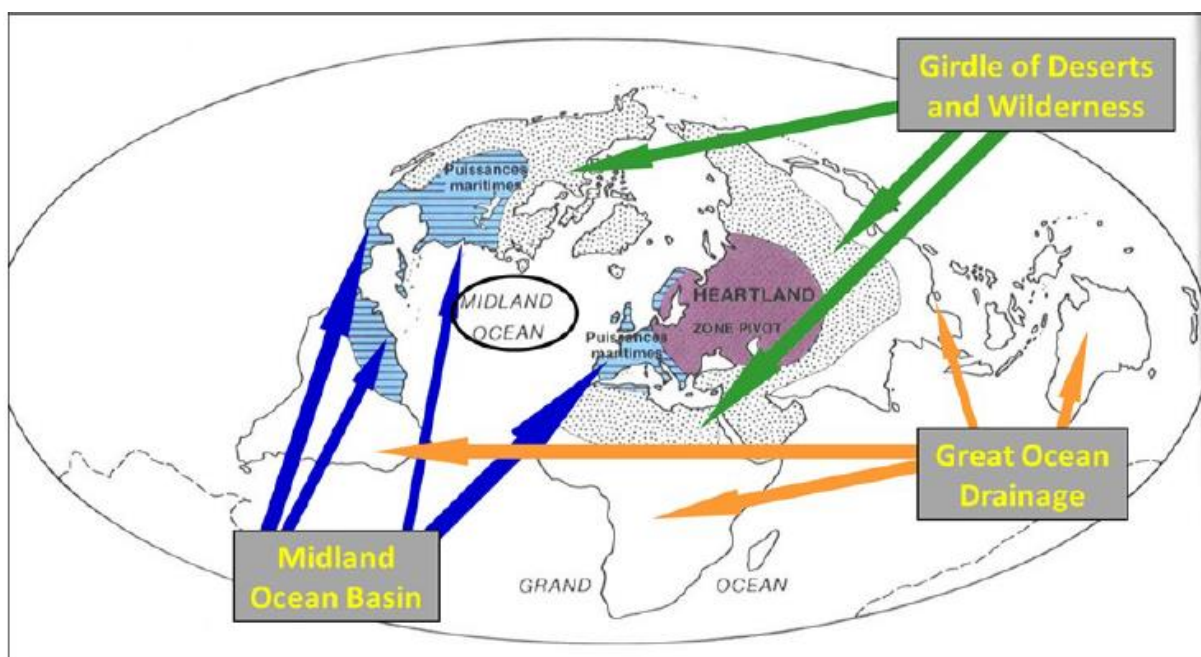
Em sua proposta, Mackinder afirmou que a Área Pivô, que ele renomeou como “*Heartland*”, seria inacessível às frotas de guerra naval. Ele acreditava ainda que, no *Heartland*, a existência de uma infraestrutura ferroviária era mais importante que o transporte marítimo externo da faixa do Crescente Interior. Essa capacidade de mobilização ferroviária permitiria ao *Heartland* combinar seu vasto poder militar e econômico para criar uma hegemonia global muito poderosa, que dominaria a região do Crescente Interior e do Crescente Exterior (LINKS, 2013).

Em 1943, Mackinder avança nos seus estudos geopolíticos e lança o artigo intitulado “*The round world and the winning of the peace*”, introduzindo o conceito de *Midland Ocean*. Essa concepção assenta-se no pressuposto de que o continente americano teria capacidade suficientes para poder equilibrar o domínio do *Heartland*. Para isso, seria preciso que a América mantivesse a Europa dentro de sua zona de influência político-militar (SEQUEIRA, 2014).

O *Midland Ocean* pode ser comparado a uma espécie de *Commonwealth do Atlântico*, cuja finalidade seria uma grande coalizão entre esses países, capaz de deter ou neutralizar uma ofensiva das forças que dominassem o *Heartland*. Essa coalizão estaria centrada no Atlântico Norte, abrangendo a leste, a Europa Ocidental

e o norte da África, e na parte centro-oeste, teríamos a América do Norte, o Mar do Caribe, a América Central e o extremo norte da América do Sul (DUSSOUY, 2006).

Figura 2 – Aspectos do *Mindland Ocean* (Mackinder)



Fonte: (ALMEIDA, 1994)

A sua tese sobre o *Midland Ocean* viria a se concretizar, em 1949, com a formalização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Esse tratado foi fundamental para barrar o avanço da força político-militar do império soviético na Europa Ocidental, evidenciando a importância geopolítica de sua tese no contexto de uma ofensiva das forças do *Heartland* (SEQUEIRA, 2014).

Em síntese, a teoria do Poder Terrestre, de Mackinder, se pauta principalmente pela importância do *Heartland* e do *Mindland Ocean*, no contexto geopolítico internacional. A primeira pode ser resumida pela seguinte expressão de Mackinder: “quem domina o *Heartland*, domina a *Ilha Mundial*, quem domina a *Ilha Mundial*, domina o *Mundo*” (ISMAILOV e PAPAVAL, 2010). A segunda teoria aponta para a importância de uma coalizão político-militar entre os países do chamado *Mindland Ocean*, com a finalidade de barrar o avanço do bloco euroasiático nas demais regiões.

2.1.3 Teoria das Fímbricas

Nicholas Spykman (1893-1943), professor da Universidade de Yale, desenvolveu uma teoria geopolítica baseada nas áreas conflitivas do Crescente Interior da teoria de Mackinder, renomeando-as de *Rimlands* (Fímbricas). De acordo

com Spykman, os *Rimlands* caracterizam-se por serem zonas de conflito entre o poder terrestre e poder marítimo, altamente cobiçadas devido sua vantagem geopolítica (LINKS, 2013).

Em sua teoria geopolítica, Spykman defendia que o controle da longa faixa de terra costeira, adjacente ao *Heartland* da Eurásia, constituía o fator mais importante para a dominação mundial. Ou seja, a conquista do *Rimland* era a chave para supremacia global e controle da Ilha Mundo. Portanto, sua fórmula era: “quem governa o *Rimland* comanda a Eurásia, e quem governa a Eurásia comanda o mundo” (ISMAILOV e PAPAIVA, 2010).

Figura 3 – Aspectos do *Rimland* (Spykman)



Fonte: (RHIN E LANCELOT, 2016)

A aplicação da teoria geopolítica das Fimbrías foi exaustivamente empregada após a II Guerra Mundial, onde aflorou a rivalidade entre os Estados Unidos e a ex-URSS. Esse fundamento foi amplamente utilizado para justificar as disputas pela porta de entrada para as ricas terras da Eurásia e, também, pelo controle do acesso aos mares. Para a Federação Russa, o acesso ao *Rimland*, deve permanecer “fechado”, a fim de impedir que outras nações adentrem e conquistem o *Heartland* (RHIN e LANCELOT, 2016).

Nesse contexto, Nicolas Spykman considera que o aspecto geopolítico que mais merece destaque é o espaço físico. Logo, o fator de grande importância para a conquista ou manutenção do controle político-militar, em determinado território, seria a utilização estratégica da sua geografia (DUSSOUY, 2006).

Em síntese, a teoria das Fímbrias é, ainda hoje, comumente observada nos projetos estratégicos das grandes potências mundiais. A presença militar norte americana no Oriente Médio, a contenção realizada pela OTAN no Leste Europeu, a intervenção militar da Rússia na Ucrânia e na Geórgia são exemplos da importância geopolítica de Spykman. Além disso, a evolução da tecnologia militar, com a criação de armas de alcance continental, mudou a forma como as nações enxergam as dificuldades geográficas na conquista do *Heartland*.

2.1.4 O novo Eurasianismo como escola russa de geopolítica

Depois de 1991 e o fim da URSS, uma nova escola russa de geopolítica começou a se desenvolver na Rússia. Os primeiros textos geopolíticos ("*Continent Russia*", "*The Subconsciousness of Eurasia*" etc.) foram publicados e já apontavam para um novo e ousado projeto de inserção global. Paulatinamente, a escola geopolítica russa de orientação neo-eurasianista vai tomando forma, com forte influência dos eslavófilos, eurasianistas e outros geopolíticos russos. A Rússia precisava se reencontrar novamente no tabuleiro internacional, após a amargurada experiência soviética (DUGIN, Alexandre, 1992).

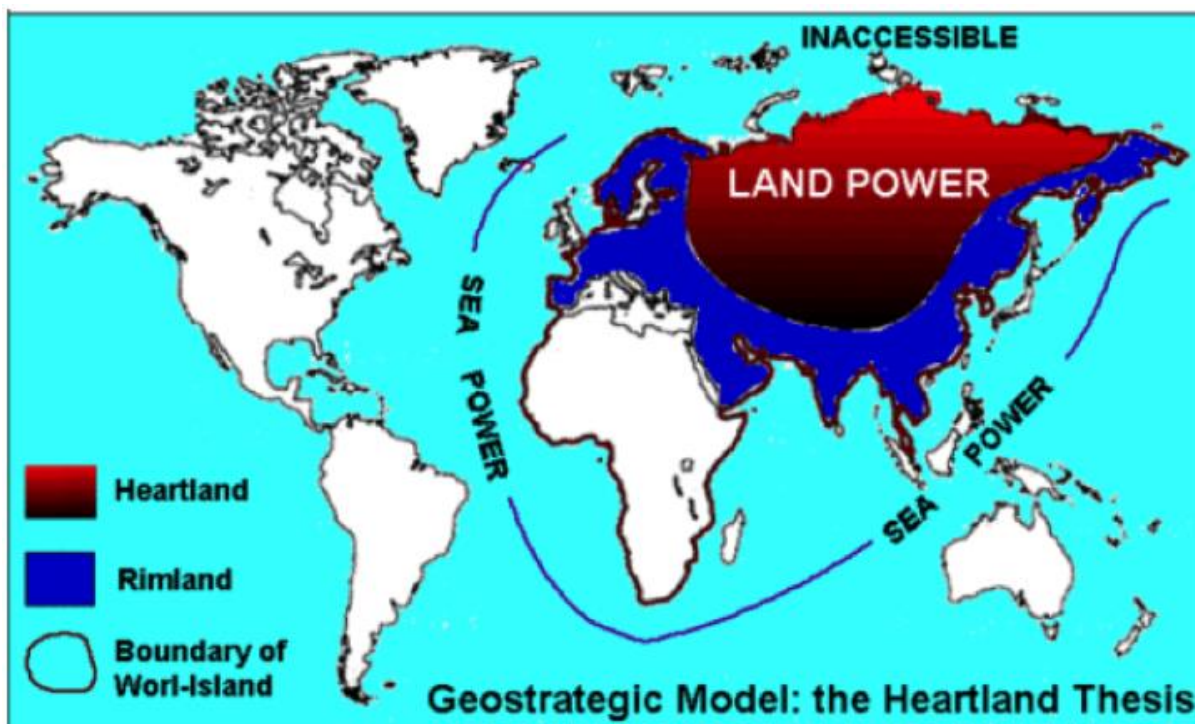
No início do século XXI, uma nova corrente geopolítica russa ganhou espaço entre seus cientistas políticos, estrategistas e analistas militares. Essa corrente denomina-se Eurasianismo, e tem como principal teórico o cientista político, filósofo e geopolítico Alexandre Dugin. Segundo Dugin, o Eurasianismo pode ser encarado como um projeto geopolítico de supremacia da Eurásia (Europa Oriental + Ásia), liderado pela Rússia, para fazer frente à influência das nações ocidentais, no campo político, militar, econômico e psicossocial. Das obras de Dugin, destacam-se os livros *Fundações da Geopolítica* e *O futuro geopolítico da Rússia*, que tornaram-se leitura obrigatória nos cursos de formação da Academia Militar do Estado-Maior Geral da Rússia, influenciando decisivamente a elite política e militar daquele país (DUGINE, 2006).

Segundo Alexandre Dugin, existe uma disputa entre a dinâmica "Mar x Terra", em outras palavras: "Civilização Telurocrática" x "Civilização Talassocrática", que nos remete aos termos *tellus*, "terra" na língua latina, e *thalassa*, que significa "mar" no idioma grego. Uma "Civilização Telurocrática" seria aquela baseada principalmente no seu vasto domínio territorial terrestre concentrado numa área continental. Dugin

associa esse conceito de civilização ao seu projeto eurasiático para a Rússia. Já a “*Civilização Talassocrática*” seria aquela baseada, fundamentalmente, no poder de controlar, expandir e explorar o seu entorno estratégico marítimo, aumentando sua área de influência. Essa última fundamenta a corrente de pensamento geopolítico denominada por *atlantismo*, que colocou os EUA numa posição de baluarte da civilização ocidental, transformando-se no núcleo do poder marítimo global (DUGIN, Aleksandr e colab., 2012).

Pode-se encontrar uma influência da geopolítica clássica na proposta geopolítica de Dugin. A “*Civilização Telurocrática*” pode ser fielmente uma representação do *Heartland*, de Mackinder. No projeto de “*Civilização Talassocrática*” encontramos os fundamentos da teoria do *Midland*, de Mackinder (1904), da Teoria do Poder Marítimo, de Mahan (1908) e da Teoria da Fímbrias (*Rimland*), de Spykman (1942).

Figura 4 – Configuração das teorias geopolíticas no globo



Fonte: (LINKS, 2013)

Esses fundamentos eurasiáticos de Dugin relembram a disputa pela hegemonia global durante a Guerra Fria, entre a ex-URSS e os EUA. O bloco soviético estaria enquadrado dentro da definição de “*Civilização Telurocrática*”, enquanto o bloco norte americano assemelhava-se mais a “*Civilização Talassocrática*”. O primeiro formalizado militarmente pelo Pacto de Varsóvia (1955) e o segundo, pela

Organização do Tratado do Atlântico Norte, criada em 1949 (DUGIN, Aleksandr e colab., 2012).

Figura 5 – Pacto de Varsóvia X OTAN



Fonte: wikipedia_NATO_vs_Warsaw (1949-1990)

Em síntese, o pensamento geopolítico de Dugin não significa um retorno a bipolaridade economicista entre o capitalismo e o socialismo, presente durante a Guerra Fria. Sua proposta abrange uma disputa civilizacional entre Eurásia e o Ocidente, pelo controle do *Heartland* e da região das Fímbricas (*Rimland*). O projeto geopolítico eurasiático russo pauta-se pelo renascimento da Rússia como potência mundial a partir do desenvolvimento econômica e militar, somado a um sistema de alianças estratégicas com outras grandes potências em desenvolvimento, como a China e a Índia. Essas alianças darão suporte a uma multipolaridade visando o reequilíbrio do cenário global unipolar dominado pelos *atlanticistas*, sob a liderança da Rússia em oposição aos EUA, que é o maior patrocinador do bloco militar de defesa do Ocidente, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

2.1.5 As medidas geopolíticas de Vladimir Putin

Um grande passo para o projeto da Rússia, como potência mundial, se deu a partir de 2000, com a eleição de Vladimir Putin. As primeiras medidas de Putin foram dotadas de um claro conteúdo geopolítico, nas quais se destacam: a proclamação da soberania como o valor mais alto da Rússia contemporânea; o fortalecimento da unidade territorial por meio de ações militares firmes contra os separatistas; o diálogo franco sobre as disputas com os EUA e o Ocidente por áreas de influência; o desenvolvimento de capacidades associadas à guerra informacional; fortalecimento de alianças estratégica com países em desenvolvimento; a elaboração de uma política governamental para os recursos energéticos e sua Base Industrial de Defesa e, por fim, os planos de ampliação ou construção de oleodutos e gasodutos na Europa e no Oriente (DUGIN, Aleksandr e colab., 2012).

A política de afirmação da soberania política defendida pelo presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, consiste na realização de projeto estratégico para a manutenção da unidade político-administrativa do *Heartland*. Esse projeto, influenciado pelo eurasianismo de Dugin, considera imperativo que os estados do *Rimland*, incluindo a Europa continental, formem uma aliança estratégica em favor do *Heartland* (MOROZOVA e STUDIES, 2011).

Para Putin, a soberania da Rússia se faz necessária para fortalecer uma das colunas da arquitetura geopolítica do mundo. Geopoliticamente, o fato da Rússia estar situada no *Heartland* e ocupar grande parte das terras euroasiáticas, faz com que sua soberania seja uma questão de interesse mundial. O enfraquecimento da Rússia representaria uma fragilidade em todos os países que compõem a Eurásia (MOROZOVA e STUDIES, 2011).

A Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa (2015-2020), aprovada e publicada em 31 de dezembro de 2015, por Vladimir Putin, prevê que os interesses nacionais russos de longo prazo são:

- reforçar a defesa nacional, salvaguarda da inviolabilidade da ordem constitucional, soberania, independência, do Estado e da integridade territorial da Federação Russa;
- reforço da coesão nacional, o desenvolvimento das instituições democráticas, estabilidade política e social, a melhoria dos mecanismos de interação da sociedade e o Estado;
- melhorar a qualidade de vida, promoção da saúde, garantindo uma estável evolução demográfica do país;
- preservação e desenvolvimento da cultura, valores morais e espirituais tradicionais russos;

- melhoria da competitividade da economia nacional;
- estabelecimento, para a Federação Russa, um *status* de uma das principais potências mundiais que visam a manutenção da estabilidade estratégica e parcerias mutuamente benéficas no contexto do mundo policêntrico (RÚSSIA, 2017).

Os resultados geopolíticos positivos de Putin, com a vitória da Rússia na Segunda Guerra Chechena (1998-2000), na Guerra Russo-Georgiana (2008) e na Guerra da Ucrânia, com a anexação da Criméia (2014), contribuíram para o fortalecimento da soberania russa e para a diminuição dos movimentos separatistas. Vale destacar que todos esses países que participaram de conflitos militares contra os interesses da Rússia estão localizados na região do *Rimland*, o que comprova a importância dos fundamentos das teorias geopolíticas clássicas e da eurásiana.

O projeto de defesa de Vladimir Putin, além de preservar a soberania e o território da Federação Russa, tem por objetivo barrar o avanço da interferência da OTAN, no seu entorno estratégico. Conforme ressaltado na Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa (2020), a Rússia considera que a OTAN gera certa instabilidade regional, na medida em que estimula a atividade militar dos países do bloco e a expansão da aliança em direção às fronteiras russas (RÚSSIA, 2017).

No campo da guerra informacional, Putin destaca a importância de uma política que atue internamente e no exterior. Para a Rússia, o domínio da narrativa numa escala global pode ser usado para atingir os seus objetivos geopolíticos ou para a defesa russa contra a falsificação de fatos relevantes para a sua estratégia. Desse modo, a Rússia considera como ameaça contra a segurança pública do Estado a seguinte atividade relacionada ao uso das tecnologias de informação:

Atividades envolvendo o uso de tecnologias de informação e comunicação para a divulgação e promoção da ideologia do fascismo, extremismo, terrorismo e do separatismo, causando danos à civil de paz, à estabilidade política e social na sociedade; (RÚSSIA, 2017).

A Rússia planeja ampliar suas capacidades cibernéticas ofensivas e defensivas, criando um poder dissuasor. O Ministério da Defesa da Rússia sinaliza que os investimentos em tecnologia e capacitação, nesse setor, estejam entre US \$ 200 milhões a US \$ 250 milhões por ano, com destaque para o desenvolvimento de programas com a capacidade de destruir os sistemas de comando e controle dos oponentes. Outra prioridade da Federação Russa, no setor cibernético, é seu moderno do Centro de Segurança Cibernética da Universidade Nuclear de Pesquisa Nacional, responsável por capacitar seus recursos humanos e aprimorar seus sistemas de tecnologia de informação (GERDEN, 2016).

Face ao enfrentamento, no campo geopolítico, com o bloco Ocidental, liderado pelos EUA, a Federação Russa vem buscando ampliar suas alianças estratégicas dentro da Eurásia. Desse modo, a Rússia protagonizou, juntamente com a China, a criação da Organização de Cooperação de Xangai para promover o desenvolvimento da cooperação político-militar com os Estados-Membros, observadores e parceiros da organização. Essa parceria estratégica com a China constitui um fator chave na manutenção da estabilidade regional e global (GARCÍA, 2011).

Um dos objetivos geopolíticos da parceria entre a Federação Russa e a China seria diminuir a influência norte-americana no Pacífico. Na costa Leste da Eurásia, banhada pelo Oceano Pacífico, os Estados Unidos aproveitam para manter o *status quo* da sua supremacia na região, por meio do canal do Panamá, presença de frotas militares, bases navais no Alaska e alianças estratégicas com o Japão (ITAUSSU e MELLO, 1994). Para Spykman (1942), a região do Pacífico, constituída pelo mar do Japão, mar do leste da China e o mar da China Meridional, são vitais para as rotas marítimas chinesas, conseqüentemente, para a proteção do flanco leste do continente euroasiático (LINKS, 2013).

Essa aliança regional, entre Rússia e a China, resultou na venda de armamento russo para os chineses, incluindo um sistema de mísseis de defesa aérea. Além disso, o aumento da presença militar chinesa visa também proteger seus crescentes negócios estrangeiros e promover seus interesses políticos no exterior. Nesse contexto que a Rússia apoiou o ousado projeto de criação de uma rede de ligação terrestre e portos marítimos, conhecido como “Nova Rota da Seda”. (LINKS, 2013).

Figura 6 – Nova Rota da Seda da China



Fonte:(LINKS, 2013)

A "Nova Rota da Seda" cria uma rota global e competitiva, por via terrestre e marítima, que liga a região nordeste, leste e sudeste da Ásia à Europa, integrando a região do *Rimland* asiático até a Europa, passando pelo nordeste da África. Em 2018, Vladimir Putin apoiou um novo projeto que incluía a construção de uma rota marítima, mais curta e segura, que ligará o continente chinês à Europa, pelo Ártico, conhecida por "Rota do Mar do Norte" (PETROVSKIY, 2019).

Esses projetos estão sendo vistos pela Federação Russa como uma oportunidade de ampliar seu poder nas regiões do seu entorno estratégico, na medida em que fortalece sua segurança regional e expande sua influência sobre essas regiões da "Nova Rota da Seda" e "Rota do Mar do Norte". Ao resgatarmos as teorias da geopolíticas clássicas, constata-se que esses dois megaprojetos chineses, apoiados pela Rússia, se enquadram perfeitamente na teoria do Heartland, de Mackinder (1904), na Teoria do Poder Marítimo, de Mahan (1908) e na Teoria da Fímbrias (*Rimland*), de Spykman (1942), com a finalidade de enfraquecer a hegemonia do bloco Ocidental, liderada pelos EUA, nessas regiões.

Figura 7 – Rota do Mar do Norte (Arctic Route)



Fonte: (ECONOMIST, 2018)

A segurança energética é outra prioridade dada por Putin no projeto de transformação da Federação Russa, constituindo uma das diretrizes principais de segurança nacional, no campo econômico. Destaca-se, entre as políticas de segurança energética, o acordo entre a Rússia e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) sobre a regulamentação do suprimento global de petróleo, aumentando o poder de regulação dos preços dessa *comodity*. Esse fator permite um maior poder de influência da Rússia junto aos demais atores do cenário global. Já que o país é fortemente dependente da receita dos hidrocarbonetos para o orçamento federal (MITROVA e YERMAKOV, 2019).

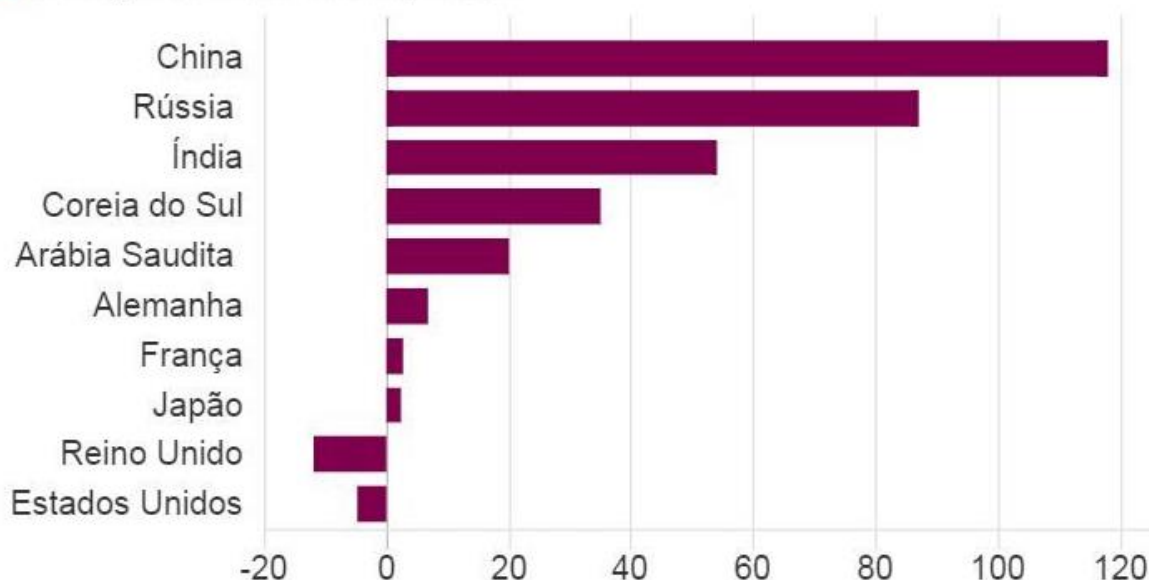
No governo de Vladimir Putin, uma série de investimentos tomou conta da base industrial de defesa da Rússia, resultando em um processo de reforma e racionalização. Houve um aumento significativo dos gastos domésticos em defesa nos

últimos anos, centrado na aquisição e produção de equipamentos tecnologicamente sofisticados (STOCKER, 2012).

Figura 8 – Evolução dos gastos militares dos principais países

Trajetória do gasto militar das principais potências, desde 2007

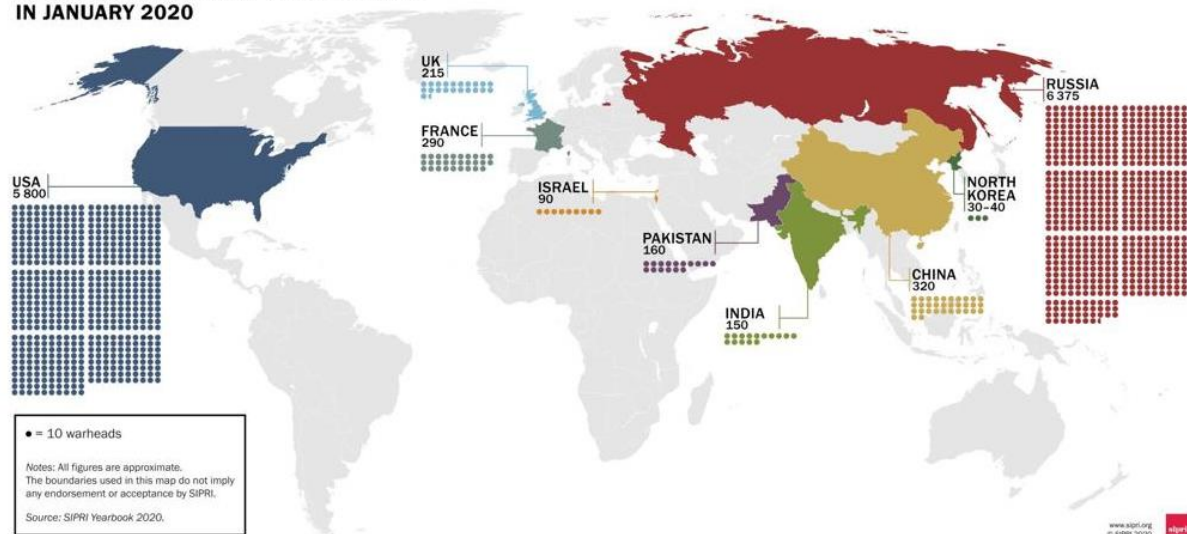
■ Evolução de 2007 a 2016, em %



Fonte : Sipri Trends in World Military Expenditure, 2016

Os investimentos da Rússia em tecnologia e na sua base industrial de defesa, herdada da era soviética, permitem manter uma produção de vários sistemas de armas de alta tecnologia e valor agregado. Os produtos militares russos, como as aeronaves de combate, os helicópteros de combate, os sistemas de defesa terrestre e aérea, vem ganhando mercado no concorrido setor da indústria bélica mundial, ao mesmo tempo em que desenvolvem diversas capacidades de defesa da Federação Russa (STOCKER, 2012). Aliada a essa estratégia, a Federação Russa possui um grande poder dissuasório militar com o seu arsenal nuclear constituído por 6.375 ogivas, sendo o maior do mundo, superando os EUA e a China.

Figura 9 – Distribuição do Arsenal Nuclear nos países detentores dessa capacidade

**GLOBAL NUCLEAR WEAPON STOCKPILES
IN JANUARY 2020**


Fonte: SIPRI Yearbook 2020

Outro exemplo dos esforços russos da era Putin foi a ampliação da sua capacidade de produção e transporte de gás natural e óleo. Um audacioso programa de crescimento do setor de petróleo e gás foi instalado na Rússia, com prioridade para a instalação de novos oleodutos e gasodutos para exportação. Esse programa fortalece a economia russa, conferindo maior segurança energética e aumentando o poder da Federação Russa em uma área de influência dos EUA, a Europa (MITROVA e YERMAKOV, 2019).

Figura 10 – Representação das redes de óleo e gás russo para a Europa

Fonte : <https://www.nationalgeographic.org/photo/europe-map/>

Um exemplo dessa projeção do poder energético da Rússia é o novo Gasoduto do Norte da Europa, em parceria com a Alemanha e Reino Unido. Esse projeto de gasoduto inclui dois ramais paralelos, cada um com 1224 km de comprimento, capaz de fornecer cerca de 27 500 milhões de metros cúbicos anuais de gás natural para a Alemanha e eventualmente para o Reino Unido. Essa nova rota de oleoduto beneficiará a Rússia, pois não terá mais que negociar taxas de trânsito com países intermediários ou pagá-las em gás natural (PIROG, 2007).

A maior empresa russa do setor de energia, a Gazprom, também está avançando em outro grande projeto de gasoduto, que vai do sul da Rússia, passa pelo Mar Negro e pela Bulgária, contorna a Ucrânia, e chega na Europa Ocidental. Com isso, a Federação Russa se afasta da conturbada interferência ucraniana. A conclusão desse gasoduto manteria uma importante ligação geopolítica entre os países da Europa Ocidental, Europa Central e Rússia, algo que representaria uma perda de influência para os EUA nessa região (SCHROEDER e colab., 2010).

Em síntese, as medidas geopolíticas de Vladimir Putin proporcionaram um fortalecimento do poder nacional da Federação Russa, na medida em que a soberania e a unidade territorial foram preservadas. Além disso, a Rússia estabeleceu uma agenda internacional capaz de ampliar suas alianças e de promover projetos de infraestrutura estratégicos com a China, diminuindo a influência dos EUA, sobretudo na Europa e na costa leste da Ásia. Vale também ressaltar que os investimentos russos no setor energético e na base industrial de defesa contribuem para seu projeto de desenvolvimento e potência mundial.

3 A ATUAÇÃO DA RÚSSIA NA MANUTENÇÃO DO REGIME BOLIVARIANO NA VENEZUELA

Historicamente, a geopolítica da América Latina sempre foi fortemente influenciada pelas estratégias norte-americanas, desde o final do século XIX, com o surgimento da *Doutrina Monroe*. No século XX, essa supremacia norte-americana, nas Américas, foi contestada em virtude das interferências dos EUA em áreas de interesse da ex-URSS, durante a Guerra Fria. Em consequência, o bloco soviético reagiu e buscou expandir sua ideologia nos governos latinoamericanos (DUGIN, Aleksandr e colab., 2012).

A política agressiva de Vladimir Putin assemelha-se, em certos aspectos, às estratégias geopolíticas da Guerra Fria. Como parte de sua estratégia global, a Rússia está desafiando a ingerência dos EUA, principalmente no Ocidente e no Oriente Médio, e estimulando o desgaste da supremacia norte americana. A Rússia busca consolidar sua presença na América Latina por meio de alianças estratégicas, principalmente com Cuba, Venezuela e Nicarágua, a partir da propaganda antiamericana, com a venda de armamento e equipamentos militares russos e com investimentos no setor de energia (GURGANUS, 2018).

Com a morte de Hugo Chaves, em 2013, o novo presidente venezuelano, Nicolas Maduro, herdou uma grave crise fiscal e inflacionária, contribuindo para uma crescente insatisfação popular. Sobretudo, a partir do agravamento da crise das *commodities*, em 2014, e das suspeitas de fraude eleitoral na reeleição de Nicolas Maduro, em 2019, a atuação geopolítica da Rússia na Venezuela tem sido fundamental para o prosseguimento do regime ditatorial bolivariano. Ao discutir essa atuação, (KAPLAN e PENFOLD, 2019), afirmam que:

“Ao apoiar financeiramente o regime Maduro, a Rússia aproveitou a oportunidade para sinalizar seu retorno ao cenário global e hemisférico com um movimento simbólico na Venezuela, um país próximo dos EUA. Moscou também demonstrou a seus aliados hemisféricos, como Cuba e Nicarágua, que poderia exercer influência na América Latina e desafiar os interesses geopolíticos dos EUA.” (tradução nossa).

Essa apresentação inicial sobre a atuação da Rússia na Venezuela aponta para a importância geopolítica dessa região no projeto eurasiático russo. Para isso, o governo venezuelano precisa manter o *status quo* da estrutura política montada, desde o período chavista, e reforçar sua capacidade militar e recuperar economia.

Dessa forma, Nicolas Maduro conta com o apoio fundamental de atores estatais, como a Rússia, China, Cuba, Irã e demais países latino-americanos ideologicamente alinhados, e atores não estatais engajados com o projeto bolivariano, na medida em que contribui para diminuir a influência norte-americana na região.

3.1 A ESCALADA DA CRISE VENEZUELANA

É comum associarmos a crise venezuelana a uma causa, sobretudo, econômica, decorrente das quedas no preço internacional do petróleo. Mas essa crise aborda aspectos ideológicos de um projeto supranacional de poder, envolvendo outros países da América Latina. É nesse contexto que Nicolás Maduro reforça sua aproximação com atores estatais e não estatais para manter seu projeto bolivariano de poder, na Venezuela.

Sob essa ótica, é fundamental entender o contexto e a ideologia por trás desse projeto bolivariano, também conhecido por *socialismo do século XXI*, para poder traçar um diagnóstico mais preciso sobre a crise venezuelana, concluindo sobre suas origens e desdobramentos.

3.1.1 A movimento ideológico e as origens da crise venezuelana

O fato marcante do início desse projeto bolivariano ocorreu nos anos 90, quando Fidel Castro e Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) fundaram o Foro de São Paulo (FSP), com o objetivo de manter acesa a chama do movimento socialista, na América Latina, após o desaparecimento soviético (COL e colab., 2005). Em 2001, no X Encontro do FSP, na cidade cubana de Havana, foi feita uma resolução em favor da Revolução Bolivariana da Venezuela, conforme a seguir:

A ameaça crescente impulsionada do exterior é um fato real imediato que merece o rechaço de todas as organizações populares, progressistas e democráticas do mundo, particularmente dos povos latino-americanos e caribenhos. Em tal sentido, o X Encontro do Foro de São Paulo concorda em expressar seu apoio ao processo revolucionário que acontece na Venezuela, assim como às organizações e movimentos comprometidos com o projeto, como expressão das forças populares que se encaminham ao logro da justiça social, fundamentada nos melhores princípios e valores da Constituição da República Bolivariana da Venezuela, produto da vontade popular (X FORO DE SÃO PAULO, 2001).

Diversas medidas tomadas durante os primeiros anos de Chávez reforçaram o alinhamento ideológico entre o FSP e o projeto bolivariano. Um exemplo foi a

assinatura de decreto presidencial sobre reforma agrária que desapropria compulsoriamente diversas propriedades rurais para beneficiar os movimentos de esquerda na Venezuela, em 2001, denominada *Ley de Tierras*. O resultado desse decreto não foi tão positivo, pois promoveu diversos conflitos por terra e políticas que beneficiaram somente os apoiadores bolivarianos, o que, mais tarde, ajudaria a propagar a instabilidade venezuelana (LAVELLE, 2013).

O compromisso bolivariano, de Chávez e Maduro, promoveu também a censura aos meios de comunicação contrários ao governo venezuelano. Segundo o Relatório do "*Instituto Prensa y Sociedad de Venezuela*" (IPYS Venezuela), restrições à imprensa ameaçavam os direitos e excediam injustificadamente o papel de controle do governo venezuelano. De acordo com a IPYS Venezuela, foram registrados 20 processos judiciais entre 2013 e 2014, relacionados de ordens de censura ligados a taxas de criminalidade, violência e corrupção do governo de Maduro (VOORHOOF, 2015). O controle da narrativa e a censura fazem parte da implantação de um projeto de poder socialista. Baseado nisso, o socialismo bolivariano restringiu o exercício da liberdade de expressão e o acesso à informação pública, contribuindo para o aumento da insatisfação popular.

Ainda como parte dessa estratégia socialista, em 2004, Castro e Chávez lançaram a *Alianza Bolivariana para os Pueblos de Nuestra América* (Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América, ou ALBA), uma organização regional com um objetivo econômico ostensivo de combater a Área de Livre Comércio da América. A ALBA seria responsável por proporcionar um mútuo auxílio financeiro e empréstimos, de interesse do FSP, e promover o bolivarianismo latino americano, contando com a ampla participação de partidos de esquerda de Cuba, Venezuela, Nicarágua, Bolívia, Equador e Brasil, este último, presidido por um dos fundadores do FSP, o Lula (COL e colab., 2005).

Uma evidência desse projeto de mútuo auxílio financeiro, em prol do projeto bolivariano, foi a vultosa quantia financiada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com aval do governo brasileiro. Essa instituição financiou projetos a juros muito abaixo do mercado, em países como Venezuela e Cuba. Na América Latina, o campeão de investimentos feitos pelo BNDES foi a Venezuela, com uma quantia de quase 2,25 bilhões de dólares, entre 2007 e 2014. Esses empréstimos foram realizados durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), pertencente ao Foro de São Paulo. Com a saída do PT da

presidência do Brasil, em 2016, a Venezuela perdeu um importante aliado político e econômico, o que acelerou a escalada da crise econômica venezuelana (GONÇALVES e COSTA, 2020).

Outra característica marcante das políticas bolivarianas é a participação de militares da ativa nas pastas do governo. Quando Hugo Chávez chegou ao poder, ele construiu uma nova "aliança civil-militar" que ampliou o papel das forças armadas nas políticas públicas, resultando em um terço dos ministérios do governo venezuelano controlados por generais. O regime de Maduro ainda precisa desse apoio do exército para manter-se no poder, por representar uma forma de demonstração de força perante seus opositores (TELLEY, 2018).

Por outro lado, há diversos indícios e investigações que apontam ligações da cúpula militar do governo venezuelano com a principal organização criminosa venezuelana ligada ao narcotráfico, o Cartel dos Sóis. Investigações apontam que o amadurecimento dessa relação tenha se dado após uma aproximação entre Hugo Chávez e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), um movimento revolucionário marxista ligada a narcoguerrilha colombiana. Essa relação é detalhada nos *e-mails* apreendidos pelos comandos colombianos em uma operação que matou o líder das FARC, Luís Edgar Devia Silva. Além das drogas, o Cartel dos Sóis está ligado ao movimento esquerdista conhecido por "Maré Rosa" e até às redes terroristas iranianas (TELLEY, 2018). Ressalta-se que as FARC também integram o FSP e participam de diversas reuniões e comitês, promovendo o movimento socialista na América Latina.

Ademais, uma manifestação ideológica das políticas chavistas foi a proibição de armas e os projetos de desarmamento da população. Em 2014, Nicolás Maduro emitiu decretos que dificultaram consideravelmente a venda e o porte de armas, além de incentivar políticas de desarmamento da população. Inicialmente, o povo venezuelano aceitou passivamente, pois entendia que, com isso, reduziriam a criminalidade. No entanto mais tarde, ficou claro que essas políticas desarmamentistas visavam anular o poder de reação do povo em defesa de seus direitos individuais e da liberdade. Desde abril de 2017, quase 200 manifestantes contrários ao regime bolivariano foram mortos a tiros pelas forças do governo de Maduro, comprovando que o desarmamento da população reforçou a implantação de um sistema repressor na Venezuela (MCKAY, 2018).

Em síntese, a experiência venezuelana com a ideologia socialista, difundida pelo FSP, serviu para o desencadeamento de uma profunda desordem social e aumento dos poderes do Estado, concentrados primeiramente em Hugo Chaves e depois em Nicolás Maduro. Ademais, as afinidades de organizações criminosas, ligadas ao narcotráfico, como as FARC e o Cartel dos Sóis, com a cúpula militar do governo de Maduro reforçam a ilegitimidade e a corrupção do atual governo venezuelano, o que reflete no aumento da insatisfação social e na busca por mudanças para um regime democrático.

3.1.2 O desdobramento econômico-social da crise venezuelana

O Foro de São Paulo (FSP) pode ser considerado o epicentro de um grande movimento na América Latina responsável pelas vitórias eleitorais de uma série de presidentes socialistas, impulsionado pela ditadura cubana de Castro. Com isso, o FSP recebeu vigoroso financiamento da Revolução Bolivariana durante o regime de Chávez, explicou o presidente da ONG Gran Alianza Nacional (GANAN), Enrique Aristeguieta Gramcko. "Fidel Castro inventou o Fórum de São Paulo para que, com o apoio do petróleo venezuelano, semeia a revolução cubana em toda a América Latina" Todo esse apoio financeiro foi diminuindo à medida que a crise econômica venezuelana se firmava, obrigando o movimento a buscar outras formas de financiamento dentro e fora da Venezuela (CABELLO, 2020).

Em 2009 e 2010, Chávez enfrentou uma séria crise financeira global, atingindo em cheio o preço das *commodities*, principal fonte de receita da Venezuela. Para minimizar os impactos da crise, Chávez não hesitou em desvalorizar a moeda e aumentar os impostos sobre a importação de bens importados, apesar do risco que essas medidas representavam para a população mais pobre (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

Após a morte de Chávez em 2013, Maduro herdou um país com altos índices de endividamento e graves desequilíbrios macroeconômicos. Para tentar manter o nível de investimentos, Maduro aumentou os gastos públicos, controlou as taxas de câmbio e fez intervenção nas estatais, o que resultou no aumento considerável do déficit fiscal do governo. Aliado a esses fatores internos, a Venezuela enfrentava uma séria crise internacional, que derrubou o preço do petróleo, em 2014. Com isso, a

produção venezuelana de petróleo caiu de 2,4 milhões de barris por dia, em 2013, para cerca de 1,2 milhão no final de 2018 (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

Figura 11 – Evolução dos preços futuros do barril de petróleo



Fonte: Análise de preços do autor na plataforma *investing.com*

Para mitigar os efeitos dessa crise econômica e fiscal, Chávez e Maduro promoveram uma maior aproximação com a Rússia e a China em busca de investimentos e de empréstimos, para compensar as quedas nas receitas geradas com a venda de petróleo. Além do declínio nos preços e da produção de petróleo, os altos custos da produção venezuelana, causados pela desvalorização da moeda local, refletiram no aumento das dívidas do governo. Por exemplo, entre 2010 e 2013, durante o governo de Chávez, a Venezuela foi o destino de aproximadamente 64% das novas linhas de crédito aprovadas da China para a América Latina, confirmando a estreita ligação entre esses dois países. Por outro lado, entre 2014 e 2017, no período de Maduro, a Venezuela representou apenas 18% do total de novas linhas de créditos da China para a região, confirmando um início do afastamento desses investimentos devido aos riscos financeiros dessa operação com o agravamento da crise venezuelana. (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

Essas obrigações com a Rússia e com a China vêm se arrastando e enquanto o preço do petróleo não retornar para o mesmo patamar anterior à crise de 2009, quando o barril chegou a valer mais de US\$ 100 dólares, a Venezuela continuará a ter muita dificuldade para honrar seus compromissos, diminuir sua dívida e sair

dessa crise. Enquanto os preços do barril do petróleo não se recuperaram, combinado com corrupção desenfreada e má administração das empresas governamentais, o regime de Maduro vem eliminando progressivamente a capacidade da economia venezuelana de produzir até os bens mais básicos necessários para a sobrevivência do povo (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

As consequências dessa crise econômica refletiram na quantidade de venezuelanos que migraram para outros países, como Colômbia, Peru, Equador e Brasil. Segundo as Nações Unidas, 1,6 milhão de venezuelanos saíram do país desde 2015, quando a crise econômica do país se agravou. Segundo o relatório, atualmente, cerca de 2,3 milhões de venezuelanos agora vivem no exterior em busca de novas oportunidades de vida. O sociólogo venezuelano, Tomas Paez, estima que entre 10 e 12% dos venezuelanos fugiram do país desde que Hugo Chávez assumiu o cargo em 1999, e essa corrida se agravou quando o presidente Nicolas Maduro assumiu o poder em 2013. Paez diz, ainda, que a insegurança, o desemprego e o colapso da estrutura econômica do país favoreceram essa migração em massa, sobretudo, dos venezuelanos mais pobre (TIMES, 2018).

Em síntese, apesar dos reais impactos da queda do preço do barril de petróleo nas receitas venezuelanas, as medidas macroeconômicas tomadas por Hugo Chaves e Maduro serviram para agravar a situação financeira do país. A emissão desordenada de moeda venezuelana, a ineficiência na administração das estatais e o alto endividamento público contribuíram para que a conjuntura econômico-social da Venezuela se acentuasse. Os resultados foram: a drástica redução do Produto Interno Bruto, a hiperinflação, o aumento da emigração e da pobreza, refletindo na busca do povo venezuelano por mudanças estruturais e democráticas.

3.1.3 A crise de legitimidade e instabilidade política na Venezuela

Além das consequências econômicas e sociais, Maduro iria enfrentar em seus primeiros anos de governos uma séria crise política. Em abril de 2013, ele vence, numa margem muito apertada, as eleições presidenciais, com 50,62% de votos, contra o opositor Henrique Capriles. No ano seguinte, a oposição, liderada por Leopoldo López, realizou manifestações para reivindicar a saída de Maduro, resultando em diversos confrontos. Lopez é preso em fevereiro daquele ano e condenado, em 2015, a quase 14 anos de prisão, acusado de incitar a violência nos

protestos. As revoltas populares aumentavam juntamente com o agravamento da crise econômica e social venezuelana. Em fevereiro de 2014, ao menos 28 pessoas morrem durante as manifestações contra o governo de Maduro, repercutindo negativamente na mídia internacional (PETER MILLARD e colab., 2019).

Em 2015, o partido de oposição à Maduro, Mesa da Unidade Democrática (MUD), derrota os governistas chavistas e conquistam a maioria qualificada no Parlamento Venezuelano, indicando a possibilidade de mudança no cenário político e o enfraquecimento do projeto bolivariano no Legislativo. No entanto, o Supremo Tribunal de Justiça (TSJ) julga as decisões do Parlamento Venezuelano nulas, numa clara amostra de infiltração bolivariana na alta corte judiciária venezuelana, a favor de Nicolás Maduro (ALEEM, 2017).

Em setembro de 2016, diante da instabilidade e desmandos políticos, milhares de venezuelanos vão para as ruas protestar e pedir a remoção do presidente Maduro, acusando-o pela grave crise econômica que atravessava o país. No dia 30 de julho de 2017, os parlamentares aliados de Maduro fazem uma manobra política e vencem a eleição para a formação de uma Assembleia Constituinte, que substituiu o Parlamento na prática e aumentou o poder da ala bolivariana, que passou a usurpar grande parte do papel do legislativo e com a missão de elaborar uma nova Constituição para o país. (ALEEM, 2017).

A Assembleia Constituinte antecipou a eleição presidencial para 20 de maio de 2018, o que provocou um boicote do partido de oposição, por considerá-la ilegítima. Esse processo foi marcado por diversas manifestações, perseguições a opositores, boicote da população à votação e indícios de fraudes na apuração. Maduro saiu-se vitorioso e iniciou seu segundo mandato, previsto para durar até 2025. Nesse momento, surge a liderança do presidente da Assembleia Nacional, Juan Guaidó, que se declara chefe de Estado com o apoio de parte da população, dos opositores ao regime de Maduro, dos EUA e do Grupo de Lima, que consideraram a reeleição de Maduro fraudulenta (PETER MILLARD e colab., 2019).

Para agravar a situação, praticamente todos os postos importantes do governo e do Estado da Venezuela foram ocupados por partidários apoiadores do regime de Nicolás Maduro. Dessa forma, diminuiu ainda mais a probabilidade de intervenção das Forças Armadas, com o intuito de restaurar a ordem constitucional na Venezuela. Além disso, o regime bolivariano incorporou em sua estrutura agente de inteligência e

contra inteligência cubana em todo o seu exército para manter um cuidado com os desertores e revoltas internas (ELLIS, Evan R., 2017).

Vale ressaltar, ainda, que os líderes da oposição venezuelana alertam que o narcotráfico pode expandir ainda mais o seu poder junto ao governo de Maduro. No encontro do XXV Foro de São Paulo, realizada, em 2019, na cidade venezuelana de Caracas, os partidos de esquerda latinoamericanos reforçaram a necessidade de promover em toda América Latina o modelo de revolução estabelecido em Cuba, mas por meios eleitorais, como o Hugo Chávez fez na Venezuela. Dessa forma, o FSP constitui o ambiente ideal para a concretização de um pacto na qual os fundos do narcotráfico, capitaneados pelas FARC e o ELN, possam ser usados para financiar os projetos revolucionários na América Latina (CABELLO, 2020).

Nessa mesma reunião em Caracas, foi reforçado, pelos membros do FSP, o compromisso de defender o sistema bolivariano de Maduro na Venezuela, conforme a seguir: “Reafirmar a legalidade e a legitimidade do Presidente Constitucional da República Bolivariana de Venezuela e líder construtor da revolução bolivariana, Nicolás Maduro.” (XXV FORO DE SÃO PAULO, 2019). Com isso, não restam dúvidas da existência de um grande projeto socialista de transformação da América Latina, com a participação de organizações ligadas ao narcotráfico e a partidos políticos de esquerda.

Diante de todos esses aspectos, o resultado da reeleição de Maduro foi considerado ilegítima pela Organização do Estado Americanos (OEA), pelos EUA, pela União Europeia e pelo Grupo de Lima, formado por países do continente americano com o objetivo de restaurar a ordem democrática na Venezuela. De acordo com a OEA, as eleições não foram transparentes, nem envolveram as diversas forças políticas do país, o que fez aumentar a pressão contra o governo Maduro. “Os Estados membros da OEA, apoiadores de Juan Guaidó, empreenderam diversas iniciativas diplomáticas para mitigar a instabilidade política no país, mas foram todas rejeitadas pelo governo venezuelano” (S. GÓMEZ, 2018).

Ademais, uma mudança política na Venezuela não beneficiaria os projetos geopolíticos da Rússia, pois Juan Guaidó é abertamente aliado dos EUA. Dessa forma, a Rússia apoia a manutenção de Nicolas Maduro no poder e empreendeu uma série de medidas que garantissem os interesses russos na região. Nesse contexto, o apoio da Rússia ao regime de Maduro representa a última chance de continuidade do regime bolivariano (HERBST, JOHN E; MARCZAK, 2019). Essa presença russa no

subcontinente sul-americano coloca a região no foco de uma disputa entre duas potências militares, os EUA e a Rússia.

Em síntese, a crise de legitimidade e instabilidade política na Venezuela é consequência de uma disputa que envolve atores estatais e não estatais. De um lado, temos o bloco bolivariano, apoiado pelos integrantes do Foro de São Paulo, cujo objetivo é manter acesa o ideal socialista na América Latina, utilizando, para isso, toda a sua estrutura de poder para conseguir manter o *status quo* na Venezuela, com imprescindível apoio da Rússia. Do outro lado, encontramos um movimento do partido de oposição, sob a liderança de Juan Guaidó, que visa restaurar a ordem constitucional e interromper o projeto bolivariano de Nicolás Maduro.

3.2 O INTERESSE GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA NA VENEZUELA

De acordo com a Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa (2015-2020), aprovada e publicada em 31 de dezembro de 2015, por Vladimir Putin, os interesses nacionais russos que mais se alinham geopoliticamente com a atuação da Rússia na Venezuela são, principalmente, melhorar a competitividade da economia nacional e promover o desenvolvimento da Federação Russa até atingir o *status* de uma das principais potências mundiais (RÚSSIA, 2017).

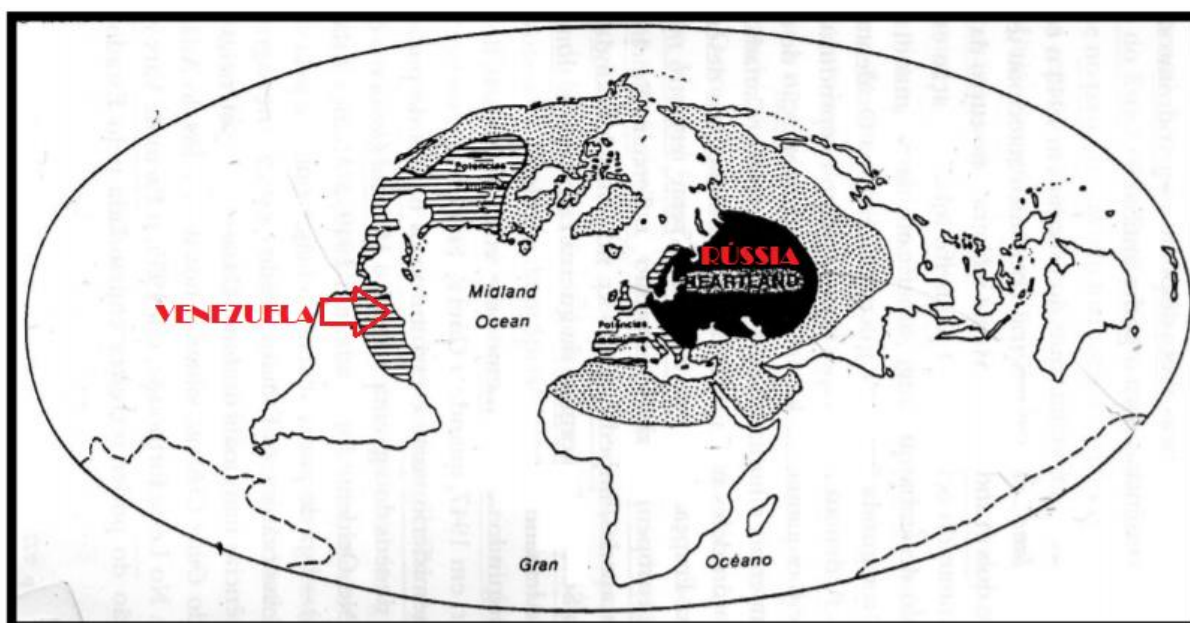
No entendimento desse projeto geopolítico russo na Venezuela, é fundamental o estudo e contextualização com as teorias geopolíticas clássicas, com ênfase para a teoria do Poder Marítimo, desenvolvida por Thayer Mahan (1890), para a teoria do Poder Terrestre, formulada por Halford Mackinder (1904), e, por último, a teoria das Fímbrias, desenvolvida por Nicholas John Spykman (1942). Essas três teorias geopolíticas clássicas influenciaram, em certos aspectos, as formas de atuação da Rússia na Venezuela, em busca dos seus objetivos estratégicos. (DUGINE, 2006).

Com base na teoria do Poder Marítimo, de Mackinder (1904), já retratada nos capítulos anteriores, o posicionamento geográfico da Venezuela proporciona uma grande vantagem estratégica para atuação russa no Mar do Caribe e na América do Sul. A presença de uma estrutura portuária, no litoral e nas ilhas venezuelanas, constitui um fator relevante para que a Rússia mantenha seu apoio ao regime bolivariano e disponha de uma plataforma naval que lhe dê uma vantagem estratégica do ponto de vista militar, mesmo em uma hipótese remota de conflito, na atualidade.

Portanto, essa busca por uma maior atuação da Rússia no contexto global, no campo político, econômico e militar, passa, necessariamente, pelo aumento de sua influência no continente americano, especificamente na Venezuela.

Revisitando a teoria do Poder Terrestre, de Mackinder (1904), pode-se inferir, do conceito de *Midland Ocean*, uma ligação entre a atuação político-militar da OTAN e a importância estratégica da Venezuela para a Rússia. Como visto anteriormente, a OTAN assenta-se no pressuposto de que uma coalizão de países, anteriormente conhecida por *Midland Ocean*, poderia fazer pressão para equilibrar e até mesmo ameaçar o domínio do *Heartland*, o que constitui uma afronta direta à Rússia. Uma resposta da Rússia a esse propósito da OTAN foi a aproximação estratégica com o governo bolivariano da Venezuela, mais precisamente após o aumento da presença militar da OTAN nos países do Leste Europeu e interferências dos EUA no entorno estratégico russo.

Figura 12 – Aspectos geográficos do *Midland Ocean* (Mackinder) e Venezuela



Fonte: (ALMEIDA, 1994) modificado

A terceira teoria geopolítica clássica que possui relação com o projeto geopolítico contemporâneo da Rússia, na Venezuela, é a teoria das Fímbricas, desenvolvida por Nicholas John Spykman (1942). Para a Federação Russa, o acesso ao *Rimland*, região que envolve o “coração” da Eurásia, deve permanecer “fechado”, a fim de impedir que outras nações adentrem e conquistem o *Heartland*. Nesse sentido, a atuação político-militar da OTAN, sob liderança dos EUA, em questões internas na guerra russo-georgiana (2008), na guerra da Ucrânia e anexação da

Criméia (2014) e na guerra da Síria (2015) retrata uma clara ofensiva aos interesses russos na região do *Rimland*, aumentando o antagonismo entre os EUA e a Rússia. Com isso, a Rússia reforça seus projetos geopolíticos na Venezuela, ao mesmo tempo em que busca diminuir a influência norteamericana nessa região.

Ainda como parte do estudo da geopolítica da Rússia na Venezuela, ressalta-se a importância da teoria eurásiana de Alexander Dugin, já abordada outrora. Nessa teoria, a aproximação entre a Rússia e a Venezuela caracteriza a disputa civilizacional entre Eurásia e o Ocidente, na medida em que essa proximidade possibilita um enfraquecimento da influência dos EUA no continente americano. Além disso, uma aliança político-militar entre a Rússia e a Venezuela pode ser fundamental para que os EUA diminuam sua atuação nas regiões de interesse da Rússia, como no Leste Europeu, na Ucrânia e na Síria (DUGIN, Aleksandr e colab., 2012).

O projeto geopolítico eurásiano russo, no século XXI, tem por finalidade o renascimento da Rússia como potência mundial a partir do desenvolvimento econômica, tecnológico e militar, projetando o seu poderio político no contexto internacional (DUGIN, Aleksandr e colab., 2012). Para isso, a Rússia amplia sua presença na Venezuela e passa a construir relações muito próximas, sob o ponto de vista político, econômico e no campo da cooperação técnico-militar. Essa afinidade resultou em uma série de medidas, por parte da Rússia, para evitar que o atual governo venezuelano, de Nicolas Maduro, seja destituído e substituído por um aliado dos Estados Unidos, Juan Guaidó (BLANK, 2018).

3.2.1 O apoio político russo ao governo bolivariano da Venezuela

O retorno geopolítico da Rússia, na América Latina, criou uma dinâmica de política externa para os estados latino-americanos, com destaque para a Venezuela. A Rússia voltou a se aproximar estrategicamente da Venezuela após quase 20 anos, desde o fim do regime soviético. Essa aproximação foi evoluindo, gradativamente, a partir do início do governo de Hugo Chaves, na Venezuela, e com as transformações estruturais da Federação Russa, com Vladimir Putin, em 2000 (GURGANUS, 2018).

A Rússia apoia firmemente o governo bolivariano na Venezuela, sobretudo a partir de Hugo Chávez. Esse apoio atinge um ponto crucial com a chegada de Maduro à presidência da Venezuela e a necessidade de apoio externo para manter o regime. Os dois países mantêm uma relação de cooperação no campo político, pois ambos

são céticos em relação à ordem internacional liderada pelos EUA e buscam combater a hegemonia americana. O projeto bolivariano de Chávez e Maduro, apoiado pelo do Foro de São Paulo, promoveu o enriquecimento do relacionamento russo-venezuelano através de inúmeras visitas de Estado e reconhecimentos diplomáticos, com a finalidade de conseguir favores da Rússia. Os líderes bolivarianos entenderam que essa aproximação poderia gerar um capital político doméstico e internacional significativo para ambos os países. Do lado russo, a posição geográfica da Venezuela e a lealdade venezuelana declarada a Moscou aumentariam o status de grande potência da Rússia (STEINER e OATES, 2019)

Nesse sentido, no final de 2008, o presidente russo, Dmitry Medvedev, visitou a Venezuela para tratar de parcerias estratégicas, enquanto delegações venezuelanas também visitaram Moscou. O presidente venezuelano, Hugo Chávez, fez nove visitas oficiais à Rússia para fortalecer essa aliança. Da mesma forma, a Rússia assinou um novo conceito de política externa nacional, assinado por Medvedev em 2008, e identificou a Venezuela como uma das prioridades no campo das parcerias político-estratégicas na América Latina, contrariando os interesses dos EUA (CHIPMAN e SMITH, 2009).

Nessa linha de pensamento, uma importante característica das relações entre Rússia e Venezuela foram os mais de 200 tratados, acordos, contratos e memorandos de entendimento, assinados após Chávez se tornar presidente da Venezuela. Em termos práticos, muitos dos tratados e acordos não foram cumpridos. No entanto, houve diversas viagens entre os diplomatas dos dois países e participações em comissões bilaterais, incluindo autoridades eleitorais e delegações parlamentares. Esse apoio político russo ficou evidenciado no reconhecimento público do Ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu, ao afirmar que a causa fundamental da agitação política contra Nicolas Maduro, na Venezuela, seria uma tentativa de revolução apoiada pelos EUA. (ROUVINSKI, 2019).

Com o agravamento da crise venezuelana, durante o governo de Maduro, no final de outubro de 2018, a Rússia reforçou o apoio político enviando a Caracas uma equipe de especialistas de seu Ministério das Finanças, do seu Ministério de Desenvolvimento Econômico, do Banco Central da Rússia e vários outros ministérios e departamentos. Esse suporte, solicitado pelo governo venezuelano, visava desenvolver medidas no campo da gestão econômica para solucionar a crise que afundava a Venezuela (ROUVINSKI, 2019).

Nesse contexto, a crise na Venezuela tem sido palco da guerra de narrativas travada entre a Rússia e o Ocidente. Uma evidência dessa afirmação é a relevante participação da emissora estatal russa, a RT, no setor de comunicação venezuelano. Essa emissora tem sede em Moscou e constitui um instrumento significativo na veiculação de notícias favoráveis ao regime bolivariano e às políticas russas na Venezuela, promovendo uma imagem positiva das relações russo-venezuelana no exterior. As narrativas construídas pela RT formam a base para suas operações de influência da Rússia, moldando a cobertura das notícias para justificar as estratégias de Moscou em relação a um determinado assunto. A narrativa midiática antiamericana e a favor de Maduro, construída com a participação da emissora estatal russa, afirmava que os EUA estavam mesmos interessados no petróleo da Venezuela e sugere que os norte-americanos irão instigar a violência para remover injustamente Maduro da presidência. (STEINER e OATES, 2019)

Outra forma de manifestação de apoio político russo, no campo midiático, foi a presença da empresa estatal russa, RT, no Congresso Internacional de Comunicação, em dezembro de 2019. Esse congresso foi agendado durante o XXV Encontro do Foro de São Paulo e organizado pelo Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV). Esse Congresso Internacional de Comunicação objetivava criar uma estrutura de informação no continente americano, um rádio de alcance internacional e uma Universidade Internacional da Comunicação. Uma vez atingidos esses objetivos, os partidos de esquerda latino americanos e os apoiadores de Maduro teriam como difundir conteúdos informativos a favor do projeto bolivariano e antiamericano. Além disso, a estrutura concebida seria capaz de se articular, no campo internacional, contra governos e movimentos sociais que contrariem os interesses da Rússia e da Venezuela no continente americano (MARCO, 2019).

Ademais, a Rússia foi um dos países que vetaram uma resolução do Conselho de Segurança da ONU, elaborada pelos EUA, que pedia novas eleições presidenciais na Venezuela. Essas novas eleições visavam destituir o atual governo de Nicolás Maduro e pavimentar o caminho para a eleição presidencial de Juan Guaidó, na Venezuela. Em contrapartida, a Rússia enviou um projeto ao CS da ONU que visava privilegiar a solução política interna venezuelana e apoiar o atual governo de Maduro como principal coordenador para a saída da crise venezuelana. Essas duas atuações da Rússia evidenciam o importante papel da aliança russo-venezuelana na sustentação do projeto bolivariano de Nicolás Maduro (NICHOLS, 2019).

Esse esforço da Rússia, em favor do governo de Maduro, visava também proporcionar um diálogo entre o governo e a oposição, de acordo com o mecanismo de Montevideú. Mas o projeto russo teve apenas quatro votos a favor (Rússia, China, África do Sul, Guiné Equatorial), sete contra (Alemanha, Polônia, Peru, EUA, Reino Unido, França, Bélgica) e quatro abstenções (Costa do Marfim, República Dominicana, Indonésia, Kuwait). O embaixador russo venezuelano, Vassily Nebenzia, defendeu que esse projeto não objetivava incitar intrigas políticas e mudanças de regime, mas ajudar genuinamente o povo venezuelano a superar a grave crise (UNITED NATION, 2019).

3.2.2 A cooperação militar da Rússia na Venezuela

No início dos anos 2000, Chávez trabalhou para aprofundar a cooperação militar entre a Rússia e a Venezuela. Entre 2012 e 2017, as vendas russas de armas representaram 69% das compras de armamento e equipamentos militares importados pela Venezuela. Essa comercialização compreende a negociação de aeronaves, transporte e helicópteros de combate; morteiros e mísseis antitanque e carros de combate. Além disso, a Corporação Estatal de Atividades Espaciais, a *Roscosmos*, empresa estatal responsável pelas pesquisas aeroespaciais da Rússia, tem planos de estabelecer uma estação *GLONASS* na Venezuela (GURGANUS, 2018).

Outro marco da atuação da Rússia na Venezuela, no campo militar, foi em 2006, quando o governo venezuelano adquiriu grande quantidade de armamento russo. O regime venezuelano de Hugo Chávez virou-se para a Rússia para comprar armas quando os EUA se recusaram a vender peças de reposição para manutenção dos seus caças F-16s. Além do comércio de armas, a Rússia também aproveitou dessa parceria com a Venezuela para aumentar sua presença no setor petrolífero e na mineração da Venezuela (ELLIS, R, 2015).

Nesse contexto, os efeitos da atual crise na Venezuela proporcionaram uma escalada no engajamento militar russo no território venezuelano, com o intuito de sustentar o regime bolivariano e afastar uma possível intervenção externa. Em 2018, o Ministro da Defesa da Venezuela, Vladimir Padrino López, afirmou que os dois países estão se preparando para a defesa do país, caso haja uma intervenção externa, sobretudo dos EUA. Dessa forma, a Rússia enviou dois bombardeiros *Tupolev Tu-160* "Blackjack" e dois aviões de apoio à Venezuela, provocando diversas

críticas dos países contrários ao regime de Maduro. Uma peculiaridade do Tu-160 é sua capacidade de transportar bombas nucleares e mísseis de cruzeiro, provocando certas críticas dos países vizinhos e dos EUA (TIRPAK, 2018).

Cabe ressaltar, ainda, o envio de um grupo de militares russos especialistas em defesa aérea para a Venezuela, em março de 2019, com a finalidade de garantir que a bateria russa de mísseis S-300 se mantivesse operacionais. Imagens de satélite, obtidas pela empresa israelense *Image Sat*, identificaram pelo menos quatro baterias móveis de mísseis S-300 instaladas em diferentes partes da Venezuela nos últimos meses para proteger as principais bases militares e órgãos do governo venezuelano. A Venezuela adquiriu sistemas S-300VM avançados no governo de Hugo Chávez. Além disso, foram adquiridos, também, pela Venezuela caças Sukhoi Su-30 capazes de fornecer mísseis de cruzeiro BrahMos, tanques T-72, barcos de torpedo Komar e uma planta de montagem de rifles de assalto AK-103, todos de fabricação e tecnologia russa. (AROSTEGUI, 2019).

Ao todo, a Venezuela adquiriu oito baterias móveis de mísseis S-300 da Rússia. Os sistemas das baterias S-300 são totalmente automatizados S-300 e são capazes de interceptar mísseis de cruzeiro, aeronaves, drones não tripulados e combater contramedidas eletrônicas, o que permite um poder dissuasório contra uma eventual interferência militar estrangeira contra o regime de Maduro. Essas baterias S-300 foram instaladas perto de Caracas, próximo à principal base naval venezuelana e do terminal de petróleo de Puerto La Cruz, na Ilha Margarita, e em Guarico, um complexo militar importante no interior do país, onde os aviões de guerra Su-30 e os tanques T-72 recebem a manutenção das equipes de especialistas russos. De acordo com a empresa de armas russa Rosoborexport, os mísseis das baterias russas S-300 têm um alcance padrão de 200 quilômetros, mas podem ser reprogramados e calibrados para atingir alvos a quase o dobro dessa distância, o que reforça o poder militar do regime bolivariano de Maduro (AROSTEGUI, 2019).

Outra característica marcante da atuação russa, no campo militar, em favor do projeto socialista na Venezuela, foi a venda de 5.000 mísseis russos de defesa aérea portátil, denominados de MANPADS. Esses mísseis, também conhecidos como Iglas, podem ser operados por uma pessoa e visam abater aeronaves comerciais e militares. Somente na última década, o Registro de Armas Convencionais da ONU (UNROCA) e o Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI) identificaram o envio de 3.800 mísseis MANPADS da Rússia para a Venezuela, o que

corroborar com a importância da Rússia para a manutenção do regime de Maduro (GUPTA, 2017).

Ademais, a Rússia está utilizando uma base venezuelana na ilha de *La Orchila*, a cerca de 160 quilômetros de Caracas. Estrategicamente, a Venezuela se beneficia por ter uma parceria militar com um país do porte da Rússia a favor do regime de Maduro. Essa base recebeu, recentemente, dois bombardeiros TU-160 com capacidade nuclear. Essa será uma base "temporária" que permitirá a Moscou realizar reabastecimento em solo sempre que empreender uma missão de patrulha aérea nas Américas e no Caribe. Em consequência dessa autorização, existe a possibilidade de visitas regulares de aviões e navios com capacidade nuclear na base de *La Orchila*, o que contribui para o aumento da instabilidade regional. Essa aproximação e interesse mútuo aspira ir além da venda de armas para a cooperação no nível operacional, também permite trazer certo incômodo aos EUA, aumentando as disputas geopolíticas entre os russos e norte-americanos, na medida em que a Rússia mantém estreita relação com a Venezuela. (BLANK, 2018).

Figura 13 – Localização das baterias S-300



Fonte: (BLANK, 2018)

Outro fator relevante da atuação da Rússia, no campo militar, é a utilização das ferramentas de guerra informacional, na Venezuela. Os russos se mostram, cada vez mais, hábeis na utilização de plataformas de mídia social para influenciar a opinião pública em prol de um objetivo estratégico. A Rússia utiliza os "bots" russos de contas no Twitter para espalhar a desinformação juntamente com o conteúdo criado pela rede de *TV Russia Today* (RT) e *Sputnik News*, ambos parte da máquina de propaganda russa. A Venezuela hospeda cerca de um terço das contas de "bot" do Twitter que

espalham conteúdos em favor do atual governo de Maduro, propagam um discurso antiamericano e a favor do projeto russo (MILES, 2018).

Essa estratégia russa de defesa do regime bolivariano, no campo da guerra informacional, foi defendida no XXV Foro de São Paulo, realizado em 2019, em Caracas, conforme a seguir:

É necessário fortalecer nossa presença e ação nas redes sociais e plataformas de comunicação para alcançar níveis mais altos de articulação. É essencial coordenar esforços e atividades, treinar quadros políticos na comunicação; não apenas pessoas treinadas em novas tecnologias e técnicas, mas com a capacidade de interpretar processos e discernir conteúdo e ferramentas adequados para cada cenário que surgir (XXV FORO DE SÃO PAULO, 2019).

Em 2019, um contingente de militares russos, formado por especialistas em segurança cibernética, chegou à Venezuela com o objetivo de proteger a infraestrutura cibernética do governo de um suposto ataque cibernético, vindo de países contrários ao regime de Nicolás Maduro. Dessa forma, o principal objetivo da Rússia em fornecer esse tipo de assistência militar seria garantir o status quo do regime socialista na Venezuela e preservar a aliança estratégica russo-venezuelana. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia afirmou que a presença desses especialistas russos, na Venezuela, era governada por um acordo de cooperação técnico-militar entre os dois países, o que reforça o grande interesse russo em manter o atual regime bolivariano (SPETALNICK, 2019).

Uma importante oportunidade, no campo militar, de manter a operacionalidade da Força Aérea venezuelana foi a instalação de um simulador russo para as aeronaves Su-30MK2, em 2019. Esse simulador foi entregue e montado pela empresa russa JSC Sukhoi Company e faz parte da Cooperação Técnica Militar da Rússia e Rosoboronexport. Dessa forma, a Venezuela poderá manter os seus pilotos de caça Su-30MK2 adestrados, que são o núcleo da força aérea da Venezuela e uma das suas principais forças militares. Esse adestramento consiste em desenvolver experiências necessárias para um combate real simulado, além de reduzir os custos operacionais do treinamento. Esses fatores impulsionam o poder militar aéreo venezuelano na América do Sul e reforçam o papel da Rússia no fornecimento de tecnologia e assistência militar em prol do regime de Maduro (ROSTEC, 2019).

Além disso, está prevista, para 2021, a construção de uma fábrica de fuzis de assalto Kalashnikov na Venezuela, de origem russa. Esse empreendimento está sendo fruto de uma cooperação técnico-militar entre a exportadora russa de armas

Rosoboronexport e o governo de Maduro. A produção desse tipo de armamento representa um avanço no poder militar da Venezuela e fortalece o poder de Nicolás Maduro. A Rússia, responsável por fornecer essa tecnologia na fabricação de Kalashnikov, aumenta seu poder geopolítico na região latino-americana, ao mesmo tempo em que mantém afastado uma possível intervenção estrangeira na Venezuela (SPUTNIK, 2019).

3.2.3 O interesse econômico russo na Venezuela

Após a mudança de poder na Rússia e na Venezuela, com a chegada de Putin e Chávez, a cooperação mútua foi se consolidando. Dessa forma, devido as riquezas naturais, o país venezuelano tornou-se um dos aliados mais importantes da Rússia na América Latina. Em 2005, um marco dessa aproximação, no campo econômico, foi o acordo no setor de energia para a exploração de petróleo da reserva venezuelana, localizada na bacia do Orinoco, o que representou um fortalecimento dos compromissos entres os dois países (SITENKO, 2016).

O petróleo é o maior ativo que a Venezuela pode oferecer a seus parceiros econômicos estrangeiros. Baseado na importância desse ativo financeiro, a Rússia e os chavistas veem a Venezuela não apenas como o líder do movimento antiamericano na América do Sul, mas também como um potencial líder mundial no campo energético. Dessa forma, a Rússia aproxima-se do setor de energia da Venezuela como forma de promover uma das suas principais diretrizes de segurança nacional no campo da economia no longo prazo, que é aumentar o seu nível de segurança energética (RÚSSIA, 2017).

Nesse sentido, a Rússia foi um ator importante do Plano Nacional Simón Bolívar, da Venezuela, que permitiu, entre 2007 e 2013, a realização de uma estratégia de desenvolvimento venezuelano que combina o uso soberano dos recursos naturais com e integração global, corroborando para a projeção geopolítica desses dois países. Nesse sentido, as negociações do setor energético venezuelano estão sendo conduzidos, predominantemente, por empresas estatais, portanto, totalmente controlados pelos governos, da Rússia e da Venezuela, com destaque para a empresa Petróleos de Venezuela (PDVSA) e a empresa russa Gazprom, que inicialmente estava voltada para a produção e comercialização de gás, mas se tornou produtora de petróleo em 2005, quando passou por uma intervenção estatal, em 2001,

no governo de Putin (SITENKO, 2016). A Gazprom se firmou na Venezuela e garantiu um contrato de 25 anos para extrair petróleo pesado em parceria com a estatal venezuelana PDVSA, reforçando os investimentos russos no setor energético venezuelano (CHIPMAN e SMITH, 2009).

Nessa acepção, estima-se que no Cinturão de Gás do Caribe, localizado na costa da Venezuela, contém 200 trilhões de pés cúbicos de gás natural. A viabilidade dessa exploração se deve em grande parte pela transferência de tecnologia e capacidade de exploração das empresas russas. Além disso, outra parceria estratégica russo-venezuelana, no setor energético, é a atuação da petrolífera russa Lukoil, que explora petróleo no cinturão petrolífero venezuelano do Orinoco, na forma de *joint venture* com a PDVSA. Outro contrato, nesse mesmo formato, foi assinado em 2011 entre a empresa russa Rosneft e a venezuelana PDVSA, com a finalidade de explorar as reservas venezuelanas de petróleo dos blocos Carabobo-2 Norte e Leste. Além disso, outro significativo setor econômico que tem grande atuação de empresas russas é a mineração para exploração de ouro, com destaque para as atividades da empresa russa Rusoro Mining, nas minas venezuelas de Las Cristinas e Las Brisas, ambas nacionalizadas por Hugo Chávez (KROTH, 2012).

A estratégia da Rosneft, na Venezuela, vai ao encontro de uma das principais diretrizes de segurança nacional da Federação Russa, no campo da economia, que consiste em aumentar o nível de segurança energética. Isto posto, essa ousada parceria russo-venezuelana favorece a ascensão da Rússia como fornecedor global de energia, ao mesmo tempo em que estende o controle russo sobre mais campos de petróleo e gás em todo o mundo. Putin defende a sustentação e expansão da Rosneft na Venezuela devido à importância da presença da empresa no hemisfério ocidental e garantia dos investimentos russos. Dessa forma, a Rosneft demonstrou ser um instrumento de poder eficaz para sustentar o regime de Maduro e ampliar os negócios da Rússia na Venezuela. Uma evidência dessa estreita relação foi o apoio da Venezuela nos projetos da Rosneft, nos campos de Patao e Mejillones, e a concessões para exploração de gás por 30 anos, na costa leste da Venezuela. (ROUVINSKI, 2019).

No setor industrial, a Rússia exporta ônibus para a Venezuela e pretende instalar uma filial da montadora russa Lada, com o objetivo de expandir seus produtos na América Latina. Outra forma de incremento econômico russo na Venezuela é a atuação da empresa russo-venezuelana Orquídea S.A. Essa empresa comercializa

orquídeas venezuelanas para a Rússia e ajudou a construir um terminal de cargas especiais no aeroporto de Caracas-Maiquetía. No setor da construção civil, a Rússia forneceu assistência técnica para a construção de dezesseis novos prédios de apartamentos, na região de Fuerte Tiuna em Caracas. Além disso, essa parceria impulsionou a construção de 10.000 novas casas, 6.000 em Fuerte Tiuna, um bairro da capital, outras 4.000 em Turmerito, um quarto de Turmero, no estado de Aragua. Essas atividades econômicas, fomentadas pelo capital russo, fortalecem as relações entre a Rússia e a Venezuela, na medida em que permitem a projeção geopolítica russa na América Latina (KROTH, 2012).

Em virtude da queda do preço do petróleo no mercado internacional, a indústria de petróleo venezuelana passou a depender cada vez mais dos empréstimos russos. A empresa russa Rosneft emprestou, desde 2015, um montante equivalente a US \$ 10 bilhões ao setor petrolífero venezuelano, em troca de uma participação de 49% na Citgo, uma subsidiária da empresa estatal venezuelana PDVSA, como garantia (MILES, 2018). Com isso, a Rússia aproveita a dificuldade financeira da crise venezuelana para adquirir participações em empresas do setor de energia a preços baixos. Por outro lado, essas aquisições russas, de ativos de empresas venezuelanas, representam uma maneira de manter a parceria russo-venezuelana na defesa do regime bolivariano de Nicolás Maduro.

Outros importantes ativos venezuelanos, que despertam interesse da Rússia, são as reservas de coltan, de ouro e de urânio. O coltan é um raro e valioso mineral que combina niobita e tantalita, muito usado em telefones celulares, produtos de alta tecnologia e computadores, também conhecido como “ouro azul”. Além disso, potencialmente, a Venezuela possui cerca de 15.500 toneladas de ouro, avaliadas em mais de US \$ 100 bilhões. Ademais, a Rússia também passou a oferecer assistência tecnológica para o tratamento de depósitos de urânio recentemente descobertos. Esse urânio é matéria prima para a produção de energia em reatores nucleares e pode ser usado para produzir bombas atômicas, pois a Rússia já domina essas tecnologias sensíveis. Portanto, a presença russa na Venezuela pode atrair muitos investimentos para exploração de coltan, ouro e urânio, ao mesmo tempo em que pode propiciar o desenvolvimento do setor nuclear venezuelano (AMERICA, 2020).

4 ANÁLISE DA ALIANÇA ENTRE A RUSSIA E A VENEZUELA E SEUS REFLEXOS NO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

Os aspectos políticos, militares e econômicos, presentes na atuação da Rússia na manutenção do sistema bolivariano na Venezuela, trazem consequências para a América do Sul. Diversos interesses geopolíticos, regionais e extrarregionais, corroboram para que o papel da Rússia seja cada vez mais decisivo para a manutenção do regime de Maduro. Para a realização dessa análise foi aplicada a metodologia SWOT, na qual os apontamentos mencionados até aqui servem para subsidiar um diagnóstico dos pontos fortes, oportunidades e ameaças resultantes dessa parceria russo-venezuelana e suas possíveis consequências para o entorno estratégico brasileiro.

A análise SWOT é um método muito conhecido e utilizado em instituições, públicas e privadas, para auxiliar os tomadores de decisão no nível estratégico. Essa técnica facilita a realização de uma avaliação no nível macro, considerando aspectos internos e externos de uma determinada situação (EMET GÜREL, 2017). Essa ferramenta auxilia consideravelmente na elaboração de um planejamento estratégico. Isto pode ser usado, ainda, com eficácia na identificação dos principais riscos na análise de um determinado cenário. A análise SWOT é um processo que envolve quatro áreas em duas dimensões.

No nosso caso, esse método foi utilizado para reunir os principais aspectos, positivos e negativos, decorrentes da aliança entre a Rússia e a Venezuela e os impactos extrarregionais para o subcontinente sul-americano. A partir dessa análise, foi possível concluir sobre os cenários para o entorno estratégico brasileiro e os impactos da atuação da Rússia na sustentação do regime bolivariano de Maduro.

Figura 14: Análise SWOT Rússia-Venezuela



Fonte: autor

No que diz respeito aos pontos fortes da aliança estratégica entre a Federação Rússia e a Venezuela, os primeiros aspectos considerados referem-se ao fornecimento de armas e equipamentos militares russos e o apoio das Forças Armadas venezuelanas ao regime de Maduro. O primeiro apoio inclui o fornecimento de aeronaves militares, helicópteros de combate, morteiros, mísseis antitanque e carros de combate, somados a missões de instrução e capacitação. Já o segundo ponto forte permite que, mesmo diante de grave crise de legitimidade, os militares dão suporte ao presidente bolivariano, o que assegura a continuidade da aliança russo-venezuelana. No que concerne aos reflexos dessa atuação da Rússia no entorno estratégico brasileiro, a renovação tecnológica do armamento, a aquisição de

equipamentos e aperfeiçoamento da doutrina militar colocam a Venezuela em um patamar operacional bem superior a muitos países da América do Sul, com destaque para a presença dos sistemas S-300VM, dos caças Sukhoi Su-30 e a instalação de uma fábrica de fuzis *Kalashnikov*. Esses aspectos podem representar um desequilíbrio das forças militares sul-americanas, colocando a Venezuela em vantagem operacional na defesa do seu espaço aéreo, por meio do uso de caças e defesa antiaérea modernas, fornecidas pela Rússia.

Outro ponto forte da parceria russo-venezuelana são os grandes investimentos russos no setor de petróleo e gás, na Venezuela. A Federação Russa, por meio de suas estatais e empresas privadas, atua no setor de energia concedendo empréstimos e aumentando a participação nas empresas venezuelanas. Aliado a esse aspecto, destaca-se também o posicionamento estratégico da Venezuela e os vultuosos recursos naturais venezuelanos. Esses fatores positivos reforçam o interesse geopolítico da Rússia na Venezuela, na medida em que contribuem para elevar seu nível de segurança energética, garantem maiores receitas vindas da exploração de minerais preciosos (ouro, coltan e urânio) e projetam a influência russa no continente americano. No que diz respeito às consequências dessas medidas para o subcontinente sul-americano, a Rússia passa a ter grande participação nas empresas venezuelanas e pode dominar os mercados da região, prejudicando, inclusive, o Brasil e outros países exportadores de petróleo e recursos minerais.

Quanto às fraquezas identificadas na análise SWOT da aliança russo-venezuelana, a instabilidade política e econômica, do atual governo de Maduro, representa um risco aos investimentos russos na Venezuela. As constantes manifestações internas dos opositores ao regime bolivariano ameaçam a permanência de Maduro no poder na Venezuela. Somados a esse aspecto, outra fraqueza seria a grande dependência e susceptibilidade da indústria de petróleo venezuelana aos preços internacionais dessa *commodity*, aumentando os riscos de agravamento da crise econômica e fiscal. Assim, no que corresponde às consequências da aliança entre a Rússia e a Venezuela, para a América do Sul, podemos inferir que a escalada da crise interna venezuelana pode deflagrar uma presença maciça de forças militares russas, com o objetivo de preservar o regime socialista bolivariano de Maduro, causando certa instabilidade regional devido a presença de tropas estrangeiras na América do Sul.

Além disso, outra fraqueza identificada na análise SWOT foi a influência dos carteis de drogas sul-americanos no alto escalão do governo venezuelano. Essa fragilidade agrava a situação da legitimidade do governo de Maduro na Venezuela, ao mesmo tempo em que pode manchar a imagem da Rússia no exterior. Ademais, cabe destacar que outra grande fragilidade dessa aliança é o alto custo de manutenção dos equipamentos militares russos adquiridos pela Venezuela. Os materiais de emprego militar russos, por possuírem alta tecnologia, necessitam de uma logística eficiente e uma mão de obra qualificada para manter a disponibilidade desses equipamentos. Isto posto, essas fragilidades constituem um risco para a manutenção da aliança russo-venezuelana, pois expõem, por um lado, a penetração do narcotráfico no regime bolivariano e, por outro, fragilizam militarmente as forças armadas venezuelanas, devido à deficiente manutenção dos materiais de emprego militar russo. No que tange aos efeitos dessa aliança da Rússia com a Venezuela, na vizinhança brasileira, essas fragilidades apontadas podem servir para justificar um posicionamento mais assertivo, no campo da diplomacia, para a deposição do presidente venezuelano, pois a presença de carteis de drogas na cúpula de um governo sul-americano representa uma questão de segurança regional.

Em relação às oportunidades da parceria russo-venezuelana, a Rússia vem encontrando espaço para expandir seus investimentos no setor energético e na exploração de recursos minerais, como ouro, coltan e urânio, na Venezuela. As significativas reservas de recursos naturais, na Venezuela, e os benefícios do governo de Maduro às empresas russas proporcionam uma grande vantagem para o aumento da presença da Rússia nessa região. Outrossim, essa aliança da Rússia com o governo de Maduro proporciona um aumento da influência geopolítica russa na América Latina, ao passo em que os negócios das empresas russas e a diplomacia de Putin promovem a continuidade do governo socialista de Maduro. Em relação aos reflexos dessa aliança entre a Rússia e a Venezuela para a América do Sul, essas oportunidades apresentadas podem vir acompanhadas do aumento de investimentos russos em outros países sul-americanos e do avanço da disputa geopolítica entre a Rússia e os EUA no continente americano, resgatando alguns dos pontos da disputa da Guerra Fria, do século XX, entre esses dois países e recrudescendo as disputas ideológicas.

Outra vantagem, que pode ser explorada pela Rússia, com o consentimento da Venezuela, concerne a consolidação de uma base militar russa em território

venezuelano. A Rússia pode vir a reforçar sua presença na Venezuela ao enviar aviões e navios com capacidade nuclear para a base de *La Orchila*. Essa estratégia reforçaria o poder militar do governo bolivariano e afastaria uma provável intervenção estrangeira para destituir o presidente Maduro. Outrossim, a Rússia poderia aproveitar o sucesso do emprego dos seus equipamentos e materiais de emprego militar, na Venezuela, para obter uma maior fatia do mercado de produtos militares na América do Sul. Consequentemente, essas duas oportunidades da aliança Russo-Venezuelana podem deflagrar o aumento das tensões fronteiriças na América do Sul e iniciar um processo de fortalecimento militar das narcoguerrilhas com armamento militar russo, comprometendo a estabilidade regional no entorno estratégico brasileiro.

Acerca das ameaças que afetam a parceria estratégica entre a Rússia e a Venezuela, levantadas na análise SWOT, evidencia-se a destituição de Maduro da presidência venezuelana. A grande pressão externa, liderada pelos EUA, expõe a possibilidade de substituição de Maduro pelo líder da oposição venezuelana Juan Guaidó, o que provocaria uma mudança radical no poder da aliança russo-venezuelana. Ademais, outro importante risco que o governo de Maduro e seu principal aliado, a Rússia, pode enfrentar seria a intervenção internacional liderada pelos norte-americanos, e com provável participação de países da América do Sul. Essa intervenção seria o último passo da escalada da crise entre os opositores de Maduro e os apoiadores do regime bolivariano, envolvendo potências estrangeiras e organismos internacionais. Sobre as consequências para o entorno estratégico brasileiro, essas duas ameaças à aliança russo-venezuelana trariam uma instabilidade regional e um risco de envolvimento de países da América do Sul em um conflito para estabilização da situação da Venezuela.

Além disso, outro aspecto que podem significar uma ameaça ao projeto russo-venezuelano seria o agravamento dos embargos econômicos norte-americanos na Venezuela. O aumento das sanções dos EUA vem prejudicando a balança comercial venezuelana e afetando os negócios da Rússia na região. Caso o governo dos EUA decida ser mais incisivo no controle dos ativos e na retaliação com os parceiros comerciais venezuelanos, as empresas russas podem acumular diversos prejuízos e serem forçadas a abandonarem seus investimentos na Venezuela. Somado a esse risco, os investimentos russo-venezuelanos no setor energético podem vir a sofrer uma nova crise devido a queda do preço internacional do petróleo, tornando inviável os custos de produção dessa *commodity* e aumentando a possibilidade de calote

venezuelano. Em relação aos reflexos dessa aliança entre a Rússia e a Venezuela para a América do Sul, destaca-se a grave crise social na Venezuela em virtude dessas ameaças apresentadas. Essa crise pode deflagrar um aumento da imigração de venezuelano em direção aos países sul-americanos, fugindo da miséria. Dessa forma, os países da América do Sul terão que realizar um planejamento para receber e dar condições socioeconômicas para esses imigrantes venezuelanos.

5 CONCLUSÃO

A presença da Rússia na Venezuela está associada ao seu projeto geopolítico eurasiático, liderado por Putin. Esse projeto russo contribui para o projeto de reerguimento da Federação Russa como potência mundial, no campo político, econômico e militar. Além disso, essa relação russo-venezuelana resultou em uma série de medidas a favor do projeto bolivariano de Nicolás Maduro, provocando certa insatisfação dos EUA, que querem o fim do regime socialista na Venezuela e afastar a influência russa dessa região.

No contexto da escalada da crise na Venezuela, a ideologia socialista, difundida pelo Foro de São Paulo, foi responsável pelo desencadeamento de uma grave crise econômica, aumento do autoritarismo estatal, envolvimento de autoridade com o narcotráfico e a falência das instituições democráticas. Mesmo que esses fatores sejam altamente repudiados pela comunidade internacional, a Rússia aproveitou essa crise venezuelana para aumentar seu poder de influência na região, construir importantes alianças militares e ampliar seus investimentos no exterior. Desse modo, essa aproximação entre a Rússia e a Venezuela foi essencial para pôr em prática o projeto geopolítico russo e para a manutenção do *status quo* do poder na Venezuela, favorecendo a continuação do regime bolivariano.

No campo político, conclui-se que a aliança da Federação Russa com a Venezuela favoreceu o projeto geopolítico russo na América Latina, construindo alianças entre Estados que pudessem favorecer o sistema socialista de Maduro e enfraquecendo a influência norte americana na região. Esse aspecto foi evidenciado nos diversos posicionamentos da Rússia e seus aliados, como a China, a favor do regime bolivariano nas reuniões do Conselho de Segurança da ONU. Esse apoio da Rússia, por ser membro permanente desse CS, constitui um dos principais obstáculos a uma ingerência estrangeira na Venezuela, liderada pelos EUA. Portanto, a aliança

russo-venezuelana constitui um fator primordial para que o regime de Maduro não tenha sofrido, ainda, uma intervenção por parte dos países que não reconhecem a legitimidade do atual sistema bolivariano.

No campo militar, infere-se que a cooperação técnica de militares e o fornecimento de armamento russo para a Venezuela proporcionaram um incremento na capacidade operacional das Forças Armadas Venezuelana. Dessa forma, a Rússia fortaleceu sua indústria militar na América do Sul e se posicionou estrategicamente na América do Sul, ao mesmo tempo em que Maduro ganhava maior apoio dos militares venezuelanos, contribuindo para a manutenção do regime bolivariano na Venezuela.

No campo econômico, constata-se que os investimentos russos, na Venezuela, amenizaram os impactos causados pelos baixos preços do petróleo e pelas sanções comerciais impostas pelos EUA. Ademais, é fundamental para a Rússia que a economia venezuelana não entre colapso total, pois isso prejudicaria os compromissos já firmados entre o governo venezuelano e as empresas russas. Desse modo, a sustentação econômica do regime bolivariano de Maduro encontra-se muito dependente dos investimentos, empréstimos e negócios com a Rússia, o que corrobora para a continuidade do sistema socialista de Maduro.

Nesse contexto, as ações da aliança russo-venezuelana trazem uma série de consequências para os países localizados no entorno estratégico brasileiro, tais como: o aumento da instabilidade regional, o risco de uma intervenção norte-americana na Venezuela, o aumento do fluxo de refugiados venezuelanos, o fortalecimento da narcoguerrilha e o risco de um conflito armado envolvendo países da América do Sul.

Por fim, enquanto a Rússia estiver alimentando o regime socialista de Maduro com o apoio político no cenário internacional, financiando as empresas estatais venezuelanas, concedendo empréstimos ao governo e fornecendo treinamento, equipamentos e armamentos militares para a Venezuela, as chances mudança de regime serão mínimas, tendo em vista, sobretudo, ao enfraquecimento das instituições venezuelanas, ao suporte ideológico do Foro de São Paulo e ao envolvimento cada vez maior da cúpula militar com grupos ligados ao narcotráfico da América do Sul.

REFERÊNCIA

ALEEM, Zeeshan. **How Venezuela went from a rich democracy to a dictatorship on the brink of collapse.** Vox, p. 1–10, 2017.

AMERICA, Latina Herald Tribune. **Venezuela Confirms Coltan Deposits, \$100 Billion in Gold Reserves.** p. 1–2, 2020.

AROSTEGUI, Martin. **Russian Missiles in Venezuela Heighten US Tensions.** v. 300, n. April 2019, p. 1–6, 2019.

BLANK, Stephen. **Russia ' s New Venezuelan Base : The Evolving Strategic Context.** p. 1–5, 2018.

BLANK, Stephen. **Russia in Latin America: Geopolitical Games in the US ' s Neighborhood.** Russie.NEI.Visions, v. 38, n. April, p. 1–23, 2009. Disponível em: <<https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/ifriblankrussiaandlatinamericaengapril09.pdf>>.

CABELLO, Diosdado. **Foro de Sao Paulo respalda a narco régimen de Maduro , seg ú n opositores Las noticias locales nunca han sido m á s importantes.** p. 1–8, 2020.

CHIPMAN, John e SMITH, James Lockhart. **South America: Framing regional security.** Survival, v. 51, n. 6, p. 77–104, 2009.

COL, Lt e DEMAREST, Geoffrey e ARMY, U S. **The Cubazuela Problem.** n. December 2018, 2005.

DUGIN, Aleksandr e BRYANT, John e MORGAN, John B. **Last war of the world- island : the geopolitics of contemporary Russia.** [S.I.]: Arktos, 2012.

DUGIN, Alexander. **MULTIPOLARITY , UNIPOLARITY , HEGEMONY.** p. 1–18, 2019.
DUGIN, Alexandre. **Alexander Dugin, The Mysteries of Eurasia (Moscow: Arctogaia, 1991), Chapters 1 and 2.** p. 1991, 1992.

DUGINE, Alexandre. **Le prophète de l'eurasisme: Paris: Avatar editions, 2006.** p. 6–26, 2006.

DUSSOUY, Gérard. **Traité de relations internationales. Tome I. Les théories géopolitiques.** 2006.

ECONOMIST. **China wants to be a polar power.** Economist (United Kingdom), v.

414, n. 9084, p. 1–6, 2018.

ELLIS, Evan R. **The Collapse of Venezuela and Its Impact on the Region**. *Military Review*, v. 97, n. 4, p. 22–33, 2017.

ELLIS, R. **The New Russian Engagement with Latin America: Strategic Position, Commerce, and Dreams of the Past**. [S.l: s.n.], 2015. v. 30.

EMET GÜREL. **SWOT ANALYSIS: A THEORETICAL REVIEW**. p. 6–11, 2017.

GALLOIS, Pierre M et Arénilla e LOUIS. **Pierre M. Gallois. Géopolitique. Les voies de la puissance**. p. 318–320, 2018.

GARCÍA, Pío. **La organización de cooperación de Shanghái en la bipolaridad del siglo XXI**. *Asociación Latinoamericana de estudios de Asia y África*, n. Relaciones Internacionales, p. 1–38, 2011.

GERDEN, Eugene. **Russia to spend \$ 250m strengthening cyber-offensive capabilities**. p. 1–3, 2016.

GONÇALVES, Eduardo e COSTA, Ana Clara. **BNDES cobrou juros 'de pai para filho' em 70 % dos empréstimos feitos no exterior**. p. 6–9, 2020.

GUPTA, Girish. **Exclusive: Venezuela holds 5,000 Russian surface-to-air MANPADS missiles**. *Reuters*, p. 1–8, 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-venezuela-arms-manpads/exclusive-venezuela-holds-5000-russian-surface-to-air-manpads-missiles-idUSKBN18I0E9>>.

GURGANUS, Julia. **Russia: Playing a Geopolitical Game in Latin America**. p. 1–16, 2018.

HERBST, JOHN E; MARCZAK, Jason. **Russia's Intervention in Venezuela: What's at Stake**. n. September, 2019.

ISMAILOV, Eldar e PAPAVA, Vladimer. **The Heartland Theory and the Present-Day Geopolitical Structure of Central Eurasia**. *Rethinking Central Eurasia*, v. 2, n. 2, p. 66–79, 2010.

ITAUSSU, Leonel e MELLO, Almeida. **A geopolítica do poder terrestre revisitada**. p. 1–8, 1994.

KAPLAN, Stephen B e PENFOLD, Michael. **Latin American Program | China-Venezuela Economic Relations**. n. February, p. 1–40, 2019.

KROTH, Olivia. **Voltaire Network Venezuela's partnership with Russia: An emblematic step.** p. 1–8, 2012.

LAVELLE, Daniel. **A Twenty-first Century Socialist Agriculture? Land Reform, Food Sovereignty and Peasant – State Dynamics in Venezuela.** International Journal of Sociology of Agriculture & Food, v. 21, n. 1, p. 133–154, 2013.

LINKS, Quick. **THE RETURN OF MAHAN, MACKINDER, AND SPYKMAN Russia and Germany are signed on to Beijing's project. They are both cooperating as well as investing in the "One Belt, One Road" project (OBOR) announced in 2013. Does this portend the awakening of M.** p. 1–7, 2013.

MARCO, Weissheimer. **Jornalistas da Telesur e da RT News apontam bloqueio midiático em crises na América Latina.** p. 1–13, 2019.

MCKAY, Hollie. **Venezuelans regret gun ban: a declaration of war against an unarmed population.** p. 1–13, 2018.

MELLO, Michele De. **Rússia pretende investir R \$ 16,5 bilhões na Venezuela até o final de 2019.** p. 2–5, 2020.

MELVILLE, Andrei. **"Fortress-Russia": Geopolitical Destiny, Unintended Consequences, or Policy Choices?** Foreign Affairs, v. 93, n. 3, 2014.

MILES, Richard. **Virtual Russian Influence in Latin America.** p. 1–14, 2018.

MITROVA, Tatiana e YERMAKOV, Vitaly. **Russia's Energy Strategy-2035.** 2019.

MONDES, Deux e MOIREAU, Auguste. **La maîtrise de la mer – Les théories du capitaine Mahan.** p. 1–45, 1902.

MOROZOVA, By Natalia e STUDIES, European. **The Politics of Russian Post-Soviet Identity.** 2011.

NICHOLS, Michelle. **U.S., Russia fail in rival bids for U.N. action on Venezuela.** 2019.

Ó TUATHAIL, GEARÓID. **Thinking Critically About Geopolitics.** [S.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true%7B&%7Ddb=edsref%7B&%7DAN=ABJICFEBD%7B&%7Dsite=eds-live>>.

P. SEMPA, FRANCIS. **The Return of Classical Geopolitics.** p. 1–5, 2014.

- PETER MILLARD e colab. **A Timeline of Venezuela** ' s. p. 1–43, 2019.
- PETROVSKIY, Vladimir. **Russia, China and the “Ice Silk Road”**. p. 1–11, 2019.
- PIROG, Robert. **Partnership for Peace Consortium of Defense**. v. 6, n. 3, p. 82–99, 2007.
- RHIN, Du e LANCELOT, Olivier. **Les Clés de l’ Est: Du Rhin au Pacifique : Analyse politique, géopolitique et géostratégique**. n. 1, p. 4–7, 2016.
- ROSTEC. **Rosoboronexport Supplied the President of Venezuela With a Full-Scale Simulator of the Su-30MK2 Aircraft**. . [S.l: s.n.] , 2019
- ROUVINSKI, Vladimir. **Russian-Venezuelan Relations at a Crossroads**. v. 6, n. 1, p. 97–108, 2019.
- RÚSSIA, Tradução CROCE. **СТРАТЕГИЯ национальной безопасности Российской Федерации**. 2017.
- S. GÓMEZ, MASERI. **OEA declara ilegítimas elecciones en Venezuel**. p. 1–6, 2018.
- SCHROEDER, Gerhard e HERE, Click e ORDER, To. **Pipeline Geopolitics : The Russia German Nord Stream Strategic Gas Pipeline**. p. 6–8, 2010.
- SEQUEIRA, Jorge M. D. **As teorias geopolíticas e Portugal**. Revista Militar, p. 287–317, 2014.
- SITENKO, Alexandra. **Latin American vector in Russia’s Foreign Policy: Identities and interests in the Russian-Venezuelan Partnership**. Politics in Central Europe, v. 12, n. 1, p. 37–57, 2016.
- SPETALNICK, Matt. **Russian deployment in Venezuela includes ’ cybersecurity personnel ’**. 2019.
- SPUTNIK. **Kalashnikov inaugurará fábrica de fuzis na Venezuela entre 2020 e 2021**. p. 2020–2022, 2019.
- STEINER, Sean P e OATES, Sarah. **Reading the RT Leaves : Foreign Policy Lessons from Russian International Media Coverage of Venezuela**. n. 43, 2019. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/kennan-cable-no-43-reading-the-rt-leaves-foreign-policy-lessons-russian-international>>.
- STOCKER, Michael. **The Russian Defence Industrial Base Defence R & D Canada**. 2012.

TELLEY, Chris. **Malignant Legions: Treating the Strategic Cancer of the Cartel de los Soles**. p. 1–8, 2018.

TIMES, The Straits. **How the Venezuelan migration crisis affects South America**. p. 1–5, 2018.

TIRPAK, John A. **Putin and Maduro Play Blackjack in Venezuela**. p. 1–5, 2018.

UNITED NATION. **Venezuela: Competing US, Russia resolutions fail to pass in Security Council**. *Prevention and Control*, v. 1, n. 3, p. 267–269, 2019.

VOORHOOF, Dirk. **Freedom of expression and the right to information: Implications for copyright**. *Research Handbook on Human Rights and Intellectual Property*, n. June, p. 331–353, 2015.

WAGNER, Augusto e TEIXEIRA, Menezes e FEDERAL, Universidade. **Geopolítica e Postura Estratégica da Rússia na Crise da Venezuela Geopolitics and Strategic Posture of Russia in the Venezuela Crisis**. n. November, 2019.

X FORO DE SÃO PAULO. **X FORO DE SÃO PAULO. Memoria del X Encuentro del Foro de São Paulo**. 2001.

XXV FORO DE SÃO PAULO. **Memoria del XXV Encuentro del Foro de São Paulo**. 2019.